



NÊSTE NÚMERO



Podíamos dizer-lhe desde já quem é este senhor da Rádio portuguesa. Mas preferimos que leia o seu nome na página 6.



Como se sabe, o metro-padrão, em platino, está em França. Se vir as páginas 16 e 17 encontrará as últimas notícias a seu respeito.



Na página 7, damos uma reportagem que nos fala de Madrid nocturno, tão pitoresco e tão castiçamente espanhol...

Lôbos do mar, bravos pescadores da Terra Nova e Groelândia, na conquista do bacalhau!

(Ver páginas centrais)

**VIDA
MUNDIAL**

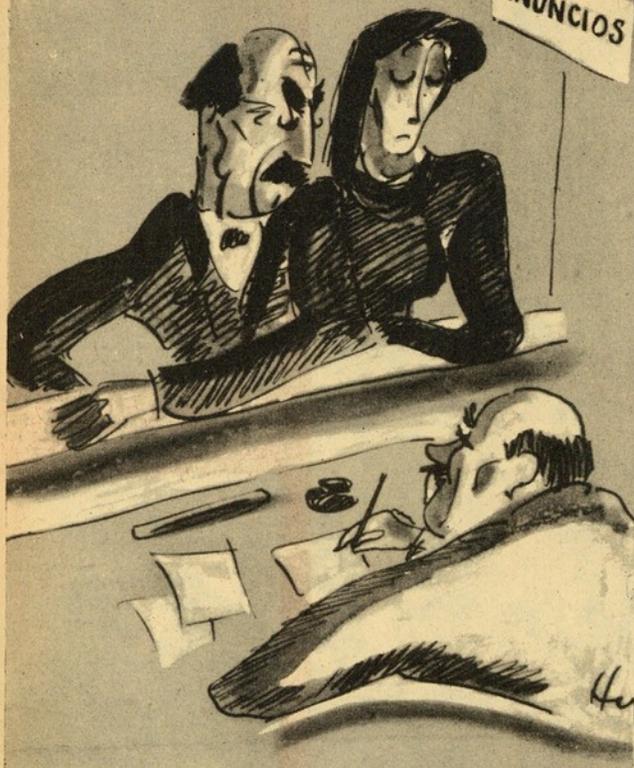
ANO IV—N.º 197

22 DE FEVEREIRO DE 1945

PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

ILUSTRADA

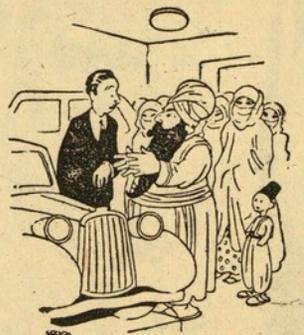
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



— E se se riscasse «querido pai, estimado tio, amada esposa, inconsoláveis sobrinhos...» não ficaria mais barato?



A MÃE DA NOIVA, para o futuro genro: — Sabes alguma coisa de electricidade? É que faltou a luz...
A FILHA — Não lhe perguntas uma coisa dessas, mamã! Ele só sabe apagá-la...



O SULTÃO — Pretendo um automóvel familiar. Basta-me que tenha cem lugares.



— Encontrei uma série de correspondências inéditas!
— Bravo! Onde?
— No horário da C. P.



— Se desistir experimentar esta bela arma, tem uma bela oportunidade: vai aí a passar o maior dos meus créditos...



— Os fósforos que te comprei hoje eram bons, mamã! Experimentei-os a todos, e não falhou um...



— Eu quero para a minha filha um homem de capital, já lhe disse!
— Estou nas condições, minha senhora: nasci em Lisboa...

SURPRESAS DE GUERRA



— E eu, que julgava que fomos neutrais!...



— E esta? Já me passou a surdez até ao zumbido dum abelha!...

NO CONSULTÓRIO



— Meus senhores tenho pressa! A minha passagem, façam todos An!...

BOM DACTILÓGRAFO



— Há um que mergulhou há uma hora...
— E ainda não apareceu! Já é ter...
— Já é ter...



— Ora vamos a ver se não consigo tirar quinze cópias duma vez!...



— Aquêl, dantes, era gangster; por isso é que apaga as impressões digitais depois de cada tiro...

"Ladrão, precisa-se"...

é um filme de gente nova,
para gente de tôdas as idades

diz-nos Jorge Brum do Canto

JORGE Brum do Canto vai realizar um novo filme: «Ladrão, Precisa-se». A entrevista estava plenamente justificada. Mais, impunha-se. Um encontro proporcionou-a, através de uma conversa sem as formalidades da entrevista da praxe.

— É uma comédia musical — disse-nos o realizador de «Um Homem às Direitas». Francisco Mata e Silva Tavares foram os autores do argumento. Um argumento, verdadeiramente cinematográfico, original, vivo, cheio de «sachados» de excepcional valor. O cinema português necessitava de uma história assim. Francisco Mata e Silva Tavares encontraram-na. Bem hajam por isso.

— O que é o filme?
— Se quiser um «slogan» para o definir, poder-lhe-ia dizer: «Um filme de gente nova, com gente nova e para gente nova até aos nove...nta anos». Ou então: «Um filme de gente nova, para gente de tôdas as idades».

— Agrada-me o programa. Mas o argumento:

— Há uma personagem-mistério de que se fala do princípio ao fim, que está presente em nome — e que só se revela quasi no termo da fita. Uma «Rebecca» na fala do «Sr. Silva»...

— Intérpretes?
— Assentes, Leonor Maia, a Tatão, e Vergílio Teixeira. Para a outra figura feminina tinha pensado na Raina Baumberg, mas mau grado nosso não é possível contar com a sua magnífica colaboração. No entanto, se quer uma notícia, sempre lhe digo que será uma das principais intérpretes da «Recompensa».

— Da «Recompensa»?
— Sim, o meu próximo filme, no qual aliás já estou trabalhando com o Dr. Ramada Curto, o autor da admirável peça que vamos transportar para a tela.

— Mas falávamos de «Precisa-se de um Ladrão». Quem são os outros intérpretes?

— A história tem quatro figuras principais. Dois rapazes e duas raparigas. Já lhe falei no Vergílio e na Tatão. Portanto, falta outro par. Ainda não me fixei na escolha da outra rapariga. E quanto ao galã, só lhe digo que «descobri» um autêntico valor.



June Allyson, a grande revelação da actualidade, actriz, cantora e bailarina, nos braços de Van Johnson, que a Academia Americana premiou no ano transacto. Os dois são protagonistas de «Um Marinheiro para Duas» — o que, afinal, acaba por ser só para June, como a foto demonstra...

— Temos surpresa, portanto?!
— Sensacional!
— Colaboradores técnicos: Lucien Donat, que desenhou as «maquettes» dos cenários. Duas canções de Armando Rodrigues e Correia Leite, o último com o seu nome ligado à extraordinária partitura da «Canção da Terra». E pela primeira vez no cinema, teremos música, também de Herculano de Almada, que vai ser — tenho fé, nos meus vaticínios! — outra revelação.

E mais não disse, por agora, Jorge Brum do Canto. «Ladrão, Precisa-se», ontem apenas um projecto é agora uma realidade. E ficámos de ouvir Brum do Canto, logo que tenha mais notícias para nos dar.

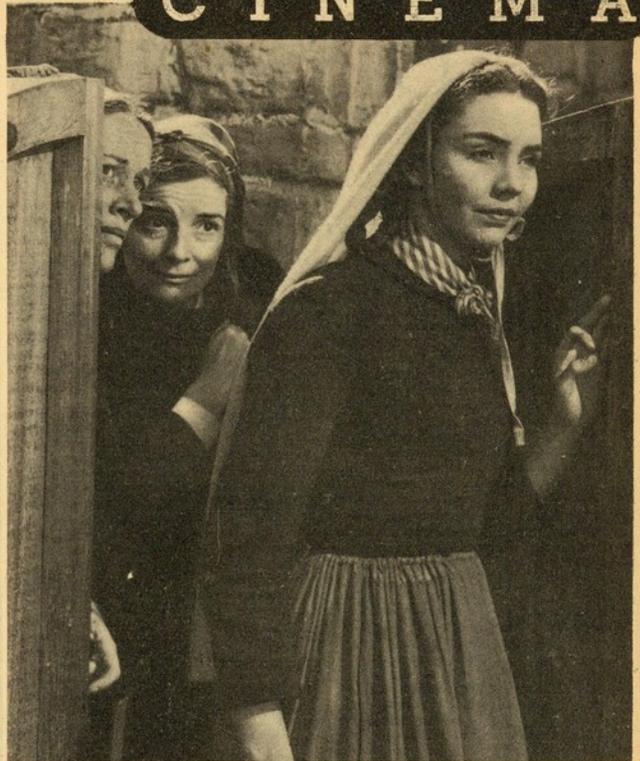
Dois "José do Telhado"

AINDA que pareça estranho — é assim mesmo: António Lopes Ribeiro prepara um filme sobre o «José do Telhado». Armando Miranda prepara outro filme, também sobre o «José do Telhado». António Vilar e José Amaro estão indigitados para encarnar, respectivamente, a figura do bandedeiro nortenho.

Segundo consta, vai travar-se uma corrida de velocidade, para decidir o pleito. O primeiro que iniciar as filmagens será o vencedor. A menos que fiquem «ex-aequo».

Não nos interessa evidentemente outra coisa que não seja assinalar mais este aspecto da desorientação em certos sectores do meio cinematográfico português. Vai repetir-se, com o «José do Telhado», o que aconteceu com «Fátima». E ocorrem-nos perguntar o que sucederia, se em lugar de se fazerem, entre nós, quatro ou cinco filmes por ano, tivéssemos uma produção de algumas dezenas...

A menos que se aproveite a sugestão do «Trindade» e um dos realizadores opte pela fórmula: «Se o José do Telhado fôsse uma opereta»...



VAMOS VÊR A "CANÇÃO DE BERNADETTE"

AO livro de Franz Werfel, foi o cinema americano buscar, há pouco, o assunto de um filme que, segundo as mais exigentes críticas, é uma extraordinária obra-prima. Esse livro e esse filme intitulam-se: «A Canção de Bernadette» — que vamos ver em breve em Lisboa — e

já hoje ambos foram consagrados. Produzida por William Perleberg e realizada por Henry King, «A Canção de Bernadette» é a própria França que havia de ficar consagrada, através de todo o maravilhoso cenário de «Lourdes» e da história dos seus milagres.

A protagonista é Jennifer Jones, — ganhou, com este filme, o Prémio Óscar, da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood — uma estreante e uma revelação. A seu lado, trabalham William Eythe, Charles Bickford, Vincent Price, Lee Cobb e Gladys Cooper.

PLANOS DE MONTAGEM

María Domingas já não vai filmar a Madrid. A simpática artista declinou o convite que lhe foi dirigido, alegando razões de saúde e de sentimento.

María Domingas não há maneira de querer quebrar o encanto. E continua alheada dos estúdios, onde deixou um lugar que ainda não foi preenchido.

A estrela de «Inês de Castro» não se efectuará, segundo nos dizem, antes de Março. Mas não deve ir além da primeira quinzena daquele mês.

Ladislau Vajda, quando viu «Fátima, Terra de Fé», interessou-se pela actuação de Graça Maria, naquelle filme, e inquiriu das possibilidades de a contratar. Mas a resposta não se fez esperar: «Graça Maria casou-se e abandonou o cinema». Ladislau Vajda, lembrando-se possivelmente do caso da Millá, pediu que lhe dessem uma lista das vedetas do cinema nacional que ainda estavam solteiras...

Ainda a propósito da estadia de Vajda entre nós, ocorre-nos o que se passou com uma vedeta portuguesa, convidada para actuar no projectado filme. Na altura em que a artista

tomou conhecimento das condições, contratantes e contratada não chegaram a acôrdo. Os produtores disseram-lhe que o «cachet» era igual ao que pagavam a outras vedetas de idêntica categoria. Mas a nossa estrela não se deu por convencida:

— A mim, só me interessa o que vou ganhar...

— Está bem, replicou Vajda. Tanto mais que eu prefiro aquêles que também se interessam pelo que um papel pode representar, na sua carreira profissional...



Hollywood acaba de transportar para a tela a obra-prima de William Saroyan, «A Comédia Humana». O famoso escritor norte-americano, ao contrário do que o título da obra deixa supor, vê o mundo cor-de-rosa. As personagens dos seus romances, e nomeadamente as que se condensam na «Comédia Humana», são pessoas extremamente bondosas, incapazes de acalentar um mau pensamento. No fundo, uma nova forma da Poesia e do Sonho. A foto mostra-nos Mickey Rooney e o prodigioso garoto Darryl Hickman, numa cena do filme.

O Sapo

elemento indispensável na medicina antiga e moderna

O sapo. Quem há aí que não conheça este, para muita gente, anti-pático batráquio, da família dos ranídeos? Animal utilíssimo ao homem do campo, o homem do campo, sempre que o topa no seu caminho, dá cabo dele, com manifestação ingrátida pelos seus estí-máveis serviços.

Na realidade, o sapo não é um animal simpático, com as suas atitudes fugidamente saltitantes, o seu olhar vivo, perscrutador, penetrante; e até a cor da sua pele, dum terroso esverdeado, não atrai admiradores. Mas algo há-de haver que justifique este ódio da gente do campo contra o seu inofensivo colaborador gratuito, no combate aos bicharocos que lhe dizem as novidades. E que, de facto, já cento e cinquenta anos antes de Cristo, o poeta grego Nicandro lhe dedicara um poema em sua defesa. prova provada de que esta antipatia pelos sapos vinha de remotas eras, e perdía-se, como diria o Conselheiro Acácio, na noite dos tempos. Mas logo Dioscórides saía à estacada e afirmava que os sapos eram profundamente venenosos, e éle Dioscórides os aproveitava para medicamentos tóxicos que éle próprio preparava. Depois veio Plínio e atribuiu a estes batráquios poderes demoníacos, e toda a Idade Média os usou como possuidores de forças mágicas aproveitadas em maque quantitates, por bruxas e cartomantes. Na segunda metade do século XVI, Ambrosio Paré deixava sobre eles uma circunstanciada monografia com o registo de muitos casos de envenenamento pela secreção dos sapos. Nos séculos XVII e XVIII as farmacopéias vinham cheias de medicamentos diuréticos para o tratamento da hidropisia, que tinham por base e elemento principal o sapo e suas secreções. Até que, em 1785, Withering introduz no mercado a digitalina, e o veneno dos sapos foi pôsto de parte. Mas estas coisas têm raízes profundas na crença e na experiência das gerações, e apesar dos novos medicamentos para as enfermidades circulatórias e cardíacas com base nos vegetais, o sapo não foi por completo destronado, e a China de hoje ainda usa o «ch'an su», que é preparado com a secreção cutânea destes animais, e tido como um medicamento de primeira ordem nas curas do cancro, das inflamações e das feridas renitentes. Tanto na China como no Japão, o sapo é aproveitado desde tempos imemoriais para drogas afrodisíacas, de reputado efeito. Surgem, então, a partir do século XVIII, em favor dos sapos, sábios de renome mundial. Laurentius, em 1768; Pelletier, em 1817; Fornara, em 1877; depois St. Faust, Willand, Kotake, Jensen, Philolix, Bertrand, Handovsky, Gessner e, finalmente, os irmãos Chen, que estudaram profundamente e experimentalmente o caso, e concluíram que o veneno dos sapos era um facto, e de grande utilidade no tratamento e na cura de certas doenças, principalmente as do coração, com supremacia, em muitos casos, sobre a digitalina.

Ora aqui tem o leitor como não há fumo sem fogo, e como se explica, por uma deturpação dos efeitos, o ódio do povo a este animalzinho duplamente benéfico e útil. Tem ainda o povo a crença de que um esquiço de sapo pode cegar uma pessoa. Pois bem: sabe-se hoje, cientificamente, que todos os digitaloides, quininas e toxinas dos sapos produzem a anestesia das mucosas, da conjuntiva e da córnea. E a provar isto temos o facto do eminente sábio dr. Staderini usar o veneno dos sapos com êxito admirável nas operações dos olhos, em lugar da cocaína.

Quanto à luta contra o cancro, o veneno dos sapos é actualmente usado em França, nos Estados Unidos e na China.

Como se vê: «nihil novi sub sole»...

JOAO PAULO FREIRE



Os poetas em Portugal, gerações passadas, tinham a personalidade até ao próprio vestuário. Hoje, qualquer pessoa acotovela, no Chiado, um poeta ou um literato que passa anonimamente, como qualquer burguês. Antigamente, não. O poeta usava o largo laço, a barba, o olhar altivo de quem é superior à turba. Não será preciso descer aos tempos mais recuados, pois vamos encontrar há cinquenta anos Ramalho de largo chapéu e bengalão, caminhando estoico como a querer vencer léguas de maltez andante; Fialho, no Martinho, conversador, bem mordaz, com o seu fato côr de lagarto; Eça, de monóculo, a casaca de corte elegante, fazendo murmurar à sua volta um côro de admiração e inveja. Foi na poesia, porém, que os trajos subiram de requinte. Casaquinhos de veludo, pérola na gravata, calças bem justas e o largo colarinho sob a barba, bem aparada. O cronista do tempo dizia:

«Houve em Portugal uma época em que todos foram poetas. Essa geração que hoje combate na política militante, ou que se entrega aos graves cuidados da administração e da jurisprudência, foi a geração mais verjejadora que tem vindo a Portugal. Não admira. Todos que a compõem eram moços, então, e a musa da moderna escola era também nova entre nós. O que haviam eles de fazer, sentindo em si a mocidade e o talento? O que podiam eles fazer senão pagar com um sorriso cada um dos galanteios? Assim aconteceu. Depois, quando passou o tempo das loucuras, o poeta cedeu o lugar ao político, ao jurista, ao administrador.

Quando o povo conhecia os poetas...

Estabeleceram-se — e acabaram com os namoricos. Deixaram os galanteios de sala — e começaram um namoro sério, e para bons fins, com a pasta de ministro.

Nesse tempo publicavam-se muitos jornais literários — e todos tinham a sua pleiade de poetas.

Mais adiante, o cronista elucida:

«Eram êsses jornais os campos de torneio onde campeões, incontestavelmente denodados e robustos, provavam forças no gênero da poesia que estava mais em moda. Publicavam-se em França as «Orientais», de Hugo? Achava-se em Portugal gracioso aquêlê gênero? Logo os admiradores literários pintavam no escudo a divisa do poeta francês e vinham mostrar na liça a sua habilidade em manejar as armas temperadas nas águas de Bosforo ou nos rios da Palestina. Agradava uma certa e determinada metrificacão?

Logo, e como se fôsse a um sinal dado, apareciam centenas de poesias metrificadas à moda. Os leitores, que assistiam com entusiasmo a essa luta, elevavam aos céus o poeta que éle julgava ser o vencedor.

No meio dêsse ambiente espiritual, místico, em que a poesia entrava em todos os lados: nos serões, nas festas mundanas, o poeta ganhou uma áurea de popularidade que o faziam idolo das multidões.

— Aquêlê que ali vai é o poeta fulano...

E éle passava, orgulhoso, levando sobre os ombros o respeito e a admiração da turba.

Este que a foto reproduz é Luis Correia Caldeira. Deixou dispersos muitos versos — e entre êles as «Flores da Bíblia».

Terra de poetas, Portugal teve o seu período brilhante.

Hoje os poetas fazem e cantam os seus versos ignoradamente, porque se vestem como qualquer e não trazem na mão a pena de pato da sua inspiração.

Uma festa na escola

À ao fim, há um estrado pequeno, onde dois estandartes entrelaçados simbolizam o dia festivo.

Um é o da escola «Instrução e Liberdade»; outro, o da Associação que a protege: Associação Filantrópica Pró-Instrução. A salinha, ruidosa, está cheia de sócios e crianças entusiasmadas, que remexem com os pés. Um terceto tem tocado canções que a criançada acompanha, de cor, de tanto as ter ouvido. Pelas paredes há mapas, alguns velhíssimos, de geografia e factos históricos. Aquil ao nosso lado está um que mostra a anatomia dum cavalo, de vértebras à mostra.

Faz-se silêncio. Um sujeito calvo toma lugar na mesa, ao mesmo tempo que duas senhoras — são as professoras, disseram-nos — se sentaram uma de cada lado. Trata-se do presidente da Associação, velho dedicado às coisas de instrução e ao comércio de ferragens na rua da Bessga. Uma das professoras enumera os benefícios colhidos na escola. Diz que êste ano hão-de fazer exame três alunos — e o ano passado dos dois que fizeram todos ficaram bem! Diz que a escola luta com muitas dificuldades, que não tem isto nem

aquilo, e que até o giz, para escrever no quadro, tem sido ela que o compra do seu bolso.

Uma salva de palmas sublinhou esta generosidade. Depois, com calor, a professora relembra que só com muita dedicação é que se pode ensinar, pois no Inverno chove nas aulas como na rua.

«Felizmente — termina — a escola vai progredindo, e o senhorio já prometeu colocar três telhas, além de duas tábuas no sobrado, que fazem muita falta para não continuarmos a partir pernas como aconteceu à sr.ª professora Lídia que, felizmente, já pode andar de muletas!»

Uma grande ovação acolheu o magistral discurso. Seguidamente, levantou-se o sr. presidente que, desgotoso por não ver ali todos os sócios, garantiu que a Associação havia de progredir. Um amigo tinha oferecido seis ardósias, dezenas de tabuadas e cadernos.

— Poderemos — disse — encerrar o futuro com tranqüillidade!

Depois de se ter referido ao grande sacrifício que fez em estar ali, pois tivera que fechar a loja, visto o empregado estar com um incomodativo furúnculo, S. Ex.ª saudou os pequeninos alunos, e disse aos pais presentes:

— Vós tendes uma missão a cumprir: educar os vossos filhos! Sem educação, que é a coisa mais bonita do mundo, o homem é assim... é assim... mal comparado a um selvagem sem eira nem beira!

— Apoiado! Apoiado! — Vamos agora proceder à distribuição dos prémios aos alunos mais aplicados — e em seguida esta sessão será encerrada com o côro do nosso orfeão escolar.

A outra professora procedeu à chamada. O primeiro garoto a aproximar-se da mesa, de olhos baixos, trouxe um livro e um pacote com broas.

Toda a gente bateu palmas. Tratava-se do aluno mais aplicado no desenho — e a professora mostrou à assistência um lindo moinho, a côres, com o seu moleiro e as sacas de farinha.

Depois foi uma garôta, grandes olhos, muito lavada na sua bata branca e chela de caracóis. Deram-lhe lápis de côr — e outro pacote, desta vez com queijadas.

E assim seguiu a sessão. Por fim, um miúdo ladino, leu, atrapalhadamente, uma mensagem ao sr. Presidente da Associação Pró-Instrução.

E, de pé, no som do piano, o orfeão cantou o hino.

E a festa acabou mais cedo porque, na verdade, dali a pouco começou a chover na sala, por via do telhado que o senhorio velhaco teima em não consertar.

Galinha a 20\$00 o quilo...

PELOS vistos, os bons officios da Policia, por mais que andem na caça dos especuladores os agentes da Intendencia Geral dos Abastecimentos — sempre os que vivem à custa das necessidades do público conseguem pôr um tampão à ganancia dos gananciosos. E, assim, quem no domingo passou pelas bandas das galinheiras na Praça da Figueira, pôde ouvir este diálogo devidamente ilustrado:

— Quanto custa esta galinha?
— Não se vende senão ao quilo. Vinte escudos cada quilo, se quiser, porque não falta quem queira.

A freguesa, desandou alarmada e veio queixar-se-nos. Se um quilo de galinha custa vinte escudos, e ninguém ignora que o gado bovino fica industrialmente mais caro e traz muito mais encargos de comércio — por quanto vai passar a vender-se um quilo de carne de vaca?

Chamamos a atenção de quem de direito, e podemos garantir que os factos se passaram tal qual os contamos.

Não haverá quem torça a ganancia das galinheiras da Praça da Figueira?



Uma nova moda para os lisboetas

SOUBE-SE agora — e as agências telegráficas, alvoçadas, fizeram correr mundo — que, na América, se vai usar, como requinte da moda, a cintura nua.

A mulher, decerto, não se escusará a mais êsse estranho capricho — única razão, para algumas, da sua existência terrena, na vassalagem do mundanismo. Evidentemente que esta moda há-de levar tempo a chegar à Europa — e a Portugal nem se fala.

Ao princípio há relutância — mas, gradualmente, o cinema vai impondo, nessas sessões continuas, que são autênticos figurinos para a lisboeta cinéfila. Nós não fazemos idéia nenhuma como será isso da cintura nua. E achamos até que a nossa policia, bem moralizadora, vai reprimir os possíveis excessos que, por feição congenita, a nossa gente saberá logo encontrar. Nós exageramos tudo. Se a moda dita a saia curta — logo rapariguitas dessem o Chiado com a curva da perna à mostra; se o decote deve abrir-se ligeiramente no colo, o deslante fecha os olhos do bom-senso e vai de deixar ao léu coisas que o recato manda que se tapem. E não julguem que isto só acontece às mulheres — os homens também deturpam, desde as leis do alfaiate às do sapateiro. Veja-se o que aconteceu, o ano passado, com essa praga dos casacos largos. O inglês, o americano, usam fatos cômodos no verão, isto é, tecidos frescos desafogados, que o deixem, com o calor, movimentar-se.

Pois que fez o lisboeta?
Arranjou uns casacos fortes, impermeáveis, de sobretudo, com muitas riscas e tão largos que parecem fancaria da Felra da Ladra, comprados por correspondência. Mas há mais: os americanos usam sapatos de tacão alto, de duas solas, e meias berrantes que assomam na canela, por debaixo da calça estreitinha.

Pronto: o lisboeta encomenda saltos de prateleira, à faia, mete nos pés meias verdes, e a calça é tão estreita como a do campino. Nós tivemos dandis.

Palva Araújo fez furor com o corte das suas elegantes casacas, que atravessavam o Bois, e Paris elegante curvava-se, admirada, à sua passagem. Era disfrutado nos salões no alegre convívio mundano.

Almeida Garrett foi, também, dos maiores elegantes não só de Portugal como da Europa.

Mas nem um nem outro — que o digam as crónicas — precisava da inspiração alheia para se vestir. Hoje não acontece êssim. Ninguém, por comodismo, traça o desenho dumas botas ou dum colête: o cinema todo fornece em figurinos de tela. A mulher morce, porém, desculpa. A moda exige-lhe sacrificios — e ela fá-los de boa vontade, para agradar ao homem — numa rutilosa dinastia de baboços.

Desde os lábios, escandalosamente intoxicados com «bãtons» ao verniz ensanguentado das unhas — passando, claro, pelos sinais do rosto — a mulher inventou mil e um artificios para ser diferente das gerações passadas. A nossa vida tem hoje ritmos diferentes, dinâmicos. É a agitação do «swing» em luta com a compassada valsa a três tempos. De modo que esta nova moda que agora se avizinha da cintura nua — vai ser, novamente, um êxito mundano. A mulher já andou com as espáduas à mostra; em todos os salões, como em museus anatómicos, viam-se as mais horríveis clavículas, descobertas pela estética; nos balles, os cotovelos ossudos fizeram sucesso. E agora? Agora a cintura nua — uma negra de carne debruada de cetim.

É natural que, de entrada, o homem sinta o poder estranho daquele capricho. Mas depois tudo se vulgariza.

Simplemente se aguarda com impaciência que venha também, pelos fios das agências, a sentença da moda para o sexo forte.

Talvez seja andar de tanga com missangas ao pescoço.

MANUEL MARTINHO

NOTAS RAPIDAS DA SEMANA



Foi uma sessão brilhante, a que se realizou no Conservatório Nacional, para empossar nos cargos de professores dois artistas que muito vêm valorizar os métodos de trabalho naquela casa de ensino: a sr.ª D. Ana de Brito Aranha e o sr. dr. Gino Savioti, que nas palavras elogiosas do sr. dr. Ivo Cruz tiveram a justa expressão do seu valor. Vemos os dois novos professores e, no meio, o director do Conservatório.



No Aviz Hotel realizou-se uma festa elegantissima, presidida, na sua comissão organizadora, pela esposa do Chefe do Estado. O produto da festa — e nela se viam dos primeiros nomes das letras, da diplomacia e das artes — reverteu a favor do Socorro de Inverno. Todos os que podem, a favor dos que precisam — um pouco de alegria própria para criar a alegria alheia.



O sr. comandante-geral, coronel Afonso Mai, assistiu, há dias, no Batalhão n.º 1 da Guarda Fiscal, à Junqueira, a uma festa que foi, ao mesmo tempo, e prova final dos guardas-fiscaes que vão servir na fronteira. Houve provas de ginástica, desfiles, distribuição de prémios, terminando por um «porto de honras», pretexto para trôca de expressivos brindes.

Daqui fala o leitor...

Uma secção aberta aos radiófilos!

EM geral, o jornalista mostra que sabe de tudo. Mas é preciso que se parta do princípio de que, às vezes, o leitor ainda sabe mais do que o jornalista. E é por isso que, a partir deste número, iniciamos uma nova secção: «Daqui, fala o leitor»...

Quem tiver alguma sugestão a fazer, qualquer opinião a dar a respeito de rádio, programas e tudo o que estiver ligado à vida das emissões — não tem mais que fazer: escreve um postal, em letra bem legível, e dirige-o para a Secção de Rádio de *Vida Mundial Ilustrada*, Rua da Emenda, 69, 2.ª — Lisboa.

E, a seu tempo, e por ordem de interesse do assunto focado, nós daremos publicidade aos assuntos que nos forem propostos...

Correspondência dos leitores

DENTRO da presente orientação da nossa secção de rádio, não cabe, infelizmente, a correspondência dos leitores. Que eles nos perdoem — mas, aqui, faremos sempre por corresponder à melhor curiosidade de todos,, dando a esta página a variedade e o interesse que os nossos leitores reclamam.



Sabem quem é este Nero de uma noite de Verão?...

CONHECEM-NO? Damos-lhe dois segundos para adivinhar... É só mudar de linha:

Este é o Jorge Alves, o querido locutor nosso compatriota que, há meses, seguiu para os Estados Unidos, onde está a dar tão boa conta de si, como locutor da N. B. C. Ele mesmo, tal qual se vê aqui e o *Seródio* o retratou há cinco ou seis anos, numa das famosas Voltas a Portugal, em bicicleta. A foto foi feita em Valença-do-Minho, por uma noite cáida. Já então Jorge Alves era querido. Tornara-se popular no antigo C. T. 1 G. L. Mas, à data, pertencia à equipa de locutores da Emissora e, como tal, fóra em viagem de locução. Durante toda a viagem, Jorge Alves fartou-se de ser o alvo das meninas-radiófilas. Por essa província fora, acorriam ao seu encontro para o conhecer. Mas nenhuma o viu nesta estranha indumentária, fixada pela objectiva. Foi ele próprio, Jorge Alves, quem se prestou ao sacrifício de, ao menos por um momento, encarnar o sanguinário Nero. Com uma réstea de alhos fêz-se coroar e com o pano da barraca — nesse ano, o «Diário de Notícias» fizera acampamento — cobriu-se da simbólica túnica.

A expressão horrível do seu rosto mostra bem de que sentimentos o Nero de uma noite de verão estava possuído. O seu livro de memórias, de resto, diz que, nessa noite, Jorge Alves devorou sozinho um capão assado...

Quem a viu...

Carmen Miranda de há 16 anos ou a história de uma portuguesa que não quis cantar o fado...

Fêz muito bem. Cármen Miranda não quis cantar o fado, dolente, sem capricho, nostálgico, fatalista, anti-universal. Em lugar de se ficar na «quitanda» dos pais a acompanhar os fados que o sr. Miranda dedilhava na guitarra levada para o Brasil, de Portugal, onde Aurora e Maria do Carmo tinham nascido — preferia fugir para os morros e aprender com os emaliantros* o sambinha acompanhado ao violão. Aquilo, sim, era mais medido, tinha mais ritmo, estava mais no sangue da mocinha com jeito de cabocla...



Carmo mudou-se em Cármen, o fado fêz-se marchinha e samba, a canção ténue dos seus lábios galgou oceanos e a cachopa que não era sópa, fêz-se célebre pelos requiebrados de voz e dos quadris. Não há portugueses que a não adore — e Cármen Miranda, é preciso que se diga, nunca se naturalizou noutro país — e não há brasileiro que não se orgulhe do nome que o Brasil e só ele, sem mistura de português, soube moldar e projectar no mundo.

Cármen Miranda é hoje uma grande artista de cartaz internacional. Mas, há 16 anos, quando cantava acompanhada pelo professor Josué de Barros, não tinha ainda um ar «pises» de menina amadora?

Com isto criem esperança os que são hoje amadoristas e «pises»

O QUE NOS DISSE BOB HOPE A RESPEITO DOS PROGRAMAS DA RÁDIO...

ENTRÉ as muitas cartas que chegaram, nesta semana, à nossa redacção, o correio trouxe-nos esta de «Bob-Hope» e que não queremos deixar passar sem uma referência. Ou, talvez, o melhor seja transcrever o final da sua carta e que diz assim:

«Bob Hope é para mim um dos maiores artistas da rádio americana. Tive o prazer de o ouvir há dias, numa emissão para os soldados expedicionários aliados, na banda dos 514 metros.»

Por que não faremos nós assim as Horas de Variedades? Música, canções e, de vez em quando, uns artistas com graça, com piada. É necessário criar a «piada radiofónica». Creio que valorizaria as emissões dos programas de variedades.

Estou a elaborar em erro, ou penso bem? — Saudações e bons programas radiofónicos. Todo vosso — «Bob Hope».

Da França para Londres e... agora, vice-versa!

COM o colapso da França, os seus locutores saltaram para Londres. Através da B. B. C., eles continuaram a falar ao mundo — e, principalmente — aos seus compatriotas espalhados por todo o mundo ou esmagados em França, sob o peso de sofrimentos morais e físicos. Agora, porém, que a França se reanima, os locutores que tinham saltado a Mancha para se instalarem em Londres — regressaram a Paris. Agora, o mundo escuta-os, mas do seu país natal — da «Rádio Nacional».

El-la, a equipa completa, vista da esquerda para a direita: Jacques Duchesne, J. Mayoux, André Gillois, Maurice Schumann, Jean Oberlé e Geneviève Brissot.



RONDA DE MADRID NOCTURNO

Madrid, cidade paradoxal onde se trabalha a tóda a hora e onde se canta e baila a todo o momento...



Na Avenida José António, à 1 de madrugada...

UMA neblina ténue pesa sobre as ruas de Madrid. O termómetro deve acusar dois ou três graus acima de zero... A cidade imensa dorme o sono justo dos que trabalham para viver. Silêncio e quietude por tóda a parte. Todavia, de quando em quando, risos e gargalhadas ecoam nas paredes das *calles* estreitas do Madrid velho. São rapazes e raparigas frequentadores de «cabarés» que, por força da lei, encerram à uma da madrugada. Mas a esta espécie de *señoritos* pouco se lhes importa a lei — de braço dado, em pequenos cardumes, continuam a folgar pelas ruas adormecidas, cantando e ballando, até que um *colmado*, a ocultas, lhes abre as portas para continuarem a notitada... *Manzanilla, gambas, empanadillas* — e a *juerga* continua... E então que a Marujita, mais quente com as *copitas*

de aniz que Pepe fez beber, canta, meigamente, com a sua tão linda voz:

— *Si tu supieras,
como late mi pecho por ti,
piedad tuvieras
al mirarme en silencio sufrir.*

Mas, Covadonga, flor arisca das Astúrias, mescla de sangues germano e árabe, pula para cima da mesa e faz calar a outra com o estonteante taconear andaluz do «Garrotín del béte-béte»:

— *Con er béte, béte, béte
que bonita y que bien huele
gitanita renegria, no me dejes por
con er béte, béte, bál...* [tu via

E o grupo bate palmas a compasso acompanhando, em côro, com o

curioso estribilho: «Con er béte, béte, béte!...». Porém, a alegria atinge o auge quando Paquito entra a ballar com «Cobi», desenhando coreograficamente com ela tódas as mais conhecidas figuras daquela arte em que Manolete é rei...

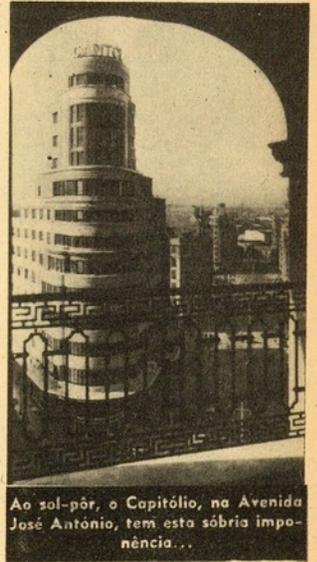
Reportagem de Luís de Quadros

Na rua, a cumplicidade do *sereno* é sentinela vigilante à aproximação das patrulhas da Polícia Armada. Cá fora, abrandado pelos reposteiros e pelas portas bem cerradas, percebe-se, apesar de tudo, o *jaléo* que vai no «Claramar». E o guarda-nocturno, *pitillo* de mau tabaco pendente dos lábios queimados pela aguardente, vigia...

O frio, pelo meio da madrugada, desce ainda mais. E a aragem vinda do Guadarrama dá a sensação de ferir a cara como navalha de mau barbeiro do bairro de Lavapiés, o pior bairro desta paradoxal Madrid...

A Puerta del Sol é, a esta hora adiantada da noite, um lago de quietação. Nada, ninguém, viva!... Porém, os altos candieiros parece que falam sozinho — o gás acusa intermitências e arranca reflexos bruxos do asfalto lúcido que, por vezes, nos traz à mente cenas de zarzuelas onde há cintilações de *cuchillos* ciganos que se afundam no ventre maço de Carmens fáceis e de qualquer...

Mas — que é aquilo?! — sons compassados, tristes, ferem agora o silêncio tumular que enche a grande praça. Projectores iluminam mais. Aproximamo-nos. Uma brigada de operários, golas erguidas, mãos enluvas, picos em riste, instala um trço novo de carris para os *tranvías* que, no arrabade, dormem, certa-



Ao sol-pôr, o Capitólio, na Avenida José António, tem esta sóbria importância...

mente, o seu sono pesado de velhos «eléctricos» cansados de tanto viver. E os homens trabalham sem descanso, calados, majestosos, maquinamente talvez.

Naquela grande fachada, cartazes informam-nos que «Fuenteovejuna», o impressionante drama de Lope de Vega, continua em cena. E, parados momentos ao meio daquela praça cujo nome ignoramos, em plena madrugada dezembrina, recordamos o comendador canalha e o bom povo de campesinos do *pueblo* que dá o nome à peça suplicando justiça a Fernando e Isabel, os reis católicos, contra a tirania de um chefe da Ordem dos Cavaleiros de Calatrava.

— *Quien há matado el Comendador?*
— *Fuenteovejuna, Señor!*...

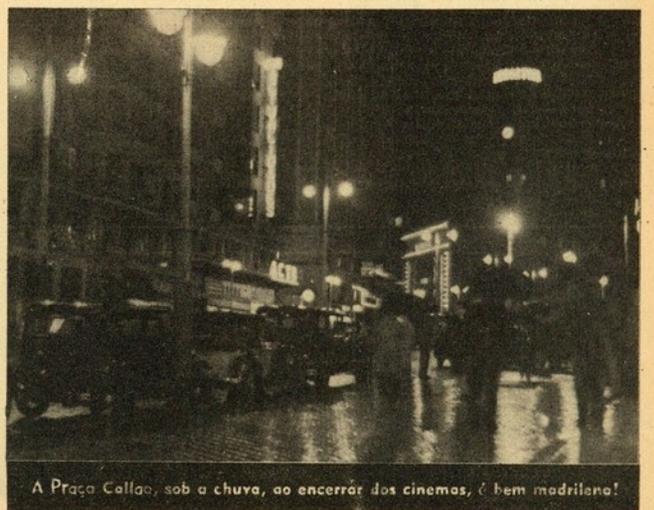
E sob a ainda recente impressão causada em nós pelo drama célebre continuamos a reportagem.

A rua larga por onde seguimos

(Continua na pág. 16)



Uma ténue neblina empresta certo ar de beleza à Gran-Via, quasi adormecida...



A Praça Callao, sob a chuva, ao encerrar dos cinemas, é bem madrileña!

A declaração Roosevelt-Churchill-Staline

o seu apêlo à Carta do Atlântico e a futura organização internacional

por J. R. S.

SERIA injustiça criticar os termos constantes do comunicado oficial da Conferência da Criméia pelo carácter transaccional que deles se possa deprender. Pelo contrário, esse carácter será a sua grande virtude, o resultado positivo de trabalho que se prolongou durante muitos dias. Na verdade, quando era manifesto que os «três» iam encontrar-se, portadores de concepções diferentes sobre uma série de problemas pendentes, qual deles o de maior importância, o facto de ter sido possível chegar-se a um texto onde, concretamente, se indica o caminho comum, para acabar a guerra e para resolver o post-guerra mais próximo, é um sinal de confiança que não pode deixar de se registar. Por certo, visto que havia desaccordo manifesto e que se pedigi um acôrdo geral, esse acôrdo só poderia obter-se à custa de mútuas transigências. Isto quer dizer: obteve-se o máximo do que poderiam esperar os interessados.

AS DECISÕES DA CRIMEIA

Concretamente, o acôrdo dos «3 grandes» estabelece: acção concertada para apressar a derrota da Alemanha *(na mesma dia em que foi publicado o comunicado, enquanto os exercitos russos do marechal Konev rompiam na frente de Breslau, em direcção a Dresden, a aviação britânica lançava um grande ataque sobre esta cidade, a desarticular as comunicações alemães);* rendição incondicional; ocupação militar da Alemanha, pelos Estados Unidos, Inglaterra, Rússia e França, por prazo que se não fixa; desarmamento e dissolução das forças armadas alemãs e do seu Estado-Maior *(em resposta à afirmação, tantas vezes repetida, de que o Estado-Maior alemão é um corpo que resiste, se transforma e sobrevive a todas as derrotas e a todas as crises);* contróle industrial e político, que prevê o julgamento dos criminosos de guerra, pagamento de reparações e banimento do nazismo e do militarismo das organizações alemãs, incluindo escolas e administração, com a declaração expressa de que se não procura destruir o povo alemão; os princípios gerais de que a ordem na Europa será fixada à base de se garantir aos povos o direito de livre escolha do seu regime e governo, o que, pela primeira vez, liga a Rússia à concepção geral da «Carta do Atlântico»; acôrdo geral para o problema polaco, indicando-se que a fronteira leste terá por base a «Linha Curzon» com compensa-

ções, a ocidente, no território actualmente alemão *(a fronteira no Oder não foi oficialmente mencionada)* e com a solução de se tomar a comissão de Lublin, suficientemente ampliada, como base do futuro governo do país, a reconhecer pelas três potências, o que põe termo à diversidade de atitudes que se manifestavam, pois que, enquanto a Rússia só reconhecia a comissão de Lublin, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha só tratavam com o governo exilado em Londres; indicação à Jugoslávia de que deve pôr em execução o acôrdo Tito-Subasic, para a reorganização do país, dando desde já o possível funcionamento aos respectivos órgãos políticos; instituição de um mecanismo de consulta regular entre os três ministros dos Estrangeiros, que passam a encontrar-se periodicamente; a afirmação da «decisão comum de manter e fortalecer, na paz futura, a unidade de objectivos e de acção que tornou a vitória possível e certa»; e a convocação de uma conferência das Nações Unidas, a 25 de Abril, em S. Francisco da Califórnia, para preparar a «Carta da Paz» e uma organização de segurança nas linhas gerais estabelecidas na conferência de Dumbarton Oaks. O documento é bastante expressivo e suficientemente minucioso para se lhe dar o carácter de uma simples e vaga enunciação de princípios gerais.

A CONFERÊNCIA DE DUMBARTON OAKS

A conferência das Nações Unidas, que se reuniu, no fim do Verão passado, na cidade americana de Dumbarton Oaks, concluiu os seus trabalhos sem ter podido chegar a soluções completas. O respectivo comunicado, com data de 10 de Outubro, mas publicado na véspera, por uma indiscreção que deu que falar, apareceu, assim, no mesmo dia em que Churchill e Eden chegavam a Moscovo, acompanhados de conselheiros militares, para uma entrevista com Staline. Dias antes, Roosevelt tinha dito que a conferência chegara a acôrdo sobre 90 por cento dos assuntos que fôra chamada a ocupar-se. Efectivamente, a parte melindrosa tinha ficado para resolver: sugeria-se que essas soluções fossem encontradas numa reunião dos chefes de Estado, que então se pensava que poderia realizar-se antes do fim do ano. A reunião efectuou-se agora e, se foram as dificuldades de entendimento que não deixaram que se celebrasse mais cedo, é oportuno que se



preste homenagem à paciência e esforço dos diplomatas que intervieram no sentido de as apianar — porque o acôrdo chegou a termos de se revelar.

Visto que o acôrdo da Criméia faz alusão expressa à reunião de Dumbarton Oaks, que vai ter o seu seguimento em S. Francisco, importa recordar o sumário de recomendações então adoptado. Regista-se o resumo do «New York Times», publicado em 9 de Outubro:

«O relatório recomenda a criação de um organismo internacional para promover o estabelecimento e a manutenção da paz mundial e da segurança com a maior economia possível dos recursos humanos e económicos. O relatório propõe a criação de uma Assembleia Geral de Segurança, de um Conselho Internacional, de um Tribunal de Justiça, de um Secretariado Militar e de um Conselho Económico e Social. Os pontos principais da organização da nova Liga são os seguintes:

1.º — O objectivo do organismo é manter a paz e a segurança, tomando as medidas colectivas necessárias para evitar todas as ameaças à paz e suprimir todos os actos de agressão, resolvendo as divergências entre os povos por meios pacíficos;

2.º — A principal autoridade para a manutenção da paz, da segurança e da ordem será um Conselho constituído pelos representantes de onze nações. Conselho de que fará parte permanentemente os representantes

(Continua na pág. 18)

A conferência de Yalta funcionou activamente, umas vezes composta apenas dos membros superiores — Churchill, Roosevelt e Estaline — outras vezes num conjunto que abrangia, como se vê na foto, as personalidades, além de Churchill e Roosevelt: almirante King e Secy, Stettinius, almirante Leary e o general Marshall. Hoje que a conferência terminou e cada um dos seus elementos regressou com um braço de projectos aos pontos de partida, o mundo interroga-se a respeito do futuro do mundo.

ISTO É AQUILO

UM NOME CONHECIDO...

Esta notícia vem de Londres, embora canalizada de Paris, para um jornal de Marrocos...

Winston Churchill visitava um apartamento de paraquedistas em Londres. Conversava familiarmente com os soldados e, a um ou outro, ia perguntando:

— Como se chama você?

Um deles respondeu:

— William Shakespeare...

— Bravo! — disse o Primeiro Ministro.

Aqui está um homem conhecido!

O soldado, muito inocentemente, esclareceu:

— De facto, sou muito conhecido. Foi contra-meestre pelo menos em doze oficinas dos arredores de Londres...

UM DESRESPEITADOR

Em Bruzelas, numa «passagem de nível»... de pilões. Uma senhora gordíssima atravessa. Uma bicicleta, desrespeitando o apito do sinalero — acabaram-se, por agora, os sinais luminosos... — ensarilha-se nas pernas da senhora, que é projectada no chão, para logo se levantar rejeita do desaire e do susto.

— O senhor não sabe tocar, quando passa nos cruzamentos de ruas?

— Tocar sei. O que não sei é andar de bicicleta no Jardim Zoológico...

O DR. PETIOT... PATRIOTA!

Diante de Golléty, juiz de instrução, o dr. Petiot lamentou, numa das últimas audiências, a lentidão com a qual se está levando a efeito a depuração dos elementos que colaboraram com o inimigo. E escolheu recuar:

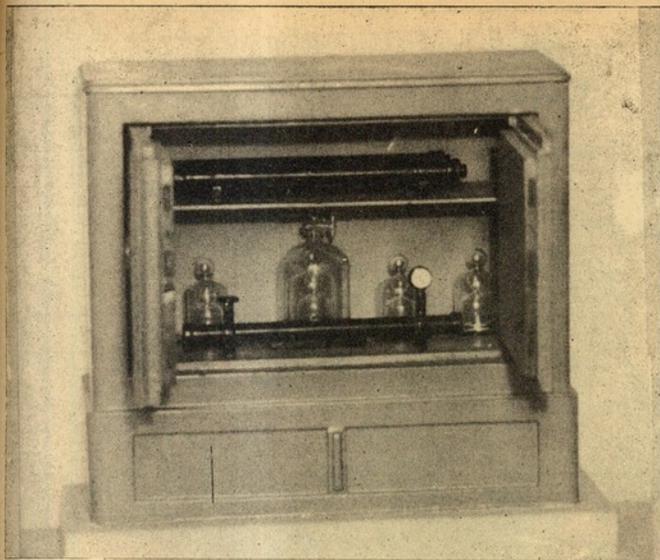
— Essa depuração faz-se com uma pinça que arranca pêlo por pêlo, quando devia fazer-se com uma «gilette», que tudo escoa num momento!

Quanto a êle, declarou nunca se ter escondido:

— De resto, eu não tinha quaisquer razões para me esconder. A minha inocência é evidente. Sômente, não me apresentaria à polícia sem que ela estivesse depurada de certos elementos...

E o «Franc-Tireur», onde lemos esta notícia, comenta: «Comme on le voit, le docteur Pétiot continue a jouer la comédie».





Aqui está esta foto, feita durante a visita da rainha Guilhermina, da Holanda, em 1912.



E aqui, recorda-se? Não, não é uma saudação... Simplesmente, V. Ex. está a examinar a nova locomotiva «Diesel» do seu comboio especial...



Ah! esta é curiosa! O sr. Presidente está a perguntar: «O que diz? Se pesquei muito?». Efectivamente, esta foto foi feita numa pescaria, no Golfo do México...

V. Ex.^a recorda-se?

Senhor presidente!
Um sorriso,
por favor...

JOHNNY Thompson, o fotógrafo oficial de Casa Branca, é o homem que possui maior número de fotografias do Presidente Roosevelt — o que não é para admirar... Tem licença para o segurar por toda a parte — e aproveitar os momentos que mais lhe agradarem, para fotografar o primeiro cidadão americano.

— Esse segredo — confessa Thompson — consiste em não o fazer «posar» mas saber surpreendê-lo nas atitudes mais simples e familiares. E nisso está o valor da obra. Aqui está, pois, um diálogo entre o fotógrafo e o Presidente: — V. Ex.^a recorda-se?



Como o tempo passa! Lembra-se? Esta foto foi feita na campanha eleitoral de 1936, quando partia para Connecticut.



E deste famoso «meeting» político de Maryland, em 1938, V. Ex.^a lembra-se?



Enfim, em 1944, foi com um novo sorriso que V. Ex.^a, recleito, reentrou na Casa Branca. Por sinal que levava um novo chapéu alto!

De Gaulle vai guardar a chave do «metro-padrão» em platina...

COMO se sabe, foi à França que confiaram a guarda do «metro-padrão» internacional, feito de platina, e constitui, segundo as conclusões dos sábios, presididos por Mechain e Delambre, a décima milionésima parte de um quarto do meridiano terrestre...

Pois bem: isto que todos nós aprendemos em instrução primária, pode ser pretexto de uma outra informação mais actual...

Este «metro» está no Bureau International des Poids et Mesures de Sèvres, dentro de um cofre enterrado a muitos metros debaixo da terra, que, por sua vez, foi encerrado num «blockhaus», do qual só três pessoas têm a chave.

Uma dessas chaves, precisamente, estava em poder do sr. Vito Volterra, professor da Universidade de Roma, falecido em Outubro de 1940. E é essa chave que vai ser entregue em breve, durante uma cerimónia festiva, ao general De Gaulle, chefe do Governo Provisório da França.

Nas duas fotos que damos junto, vê-se o cofre secreto, onde está o «metro» e, ainda, um funcionário aferidor da Repartição Internacional de Pesos e Medidas, examinando a preciosa barra de platina que tem o comprimento da décima milionésima parte de um quarto do meridiano terrestre...

OS HOMENS DAS BARBATANAS

NÃO temos grandes elementos para explicar esta foto curiosa que nos chega do estrangeiro. Mas podemos dizer ao leitor que, além do homem com asas — há também o homem com barbatanas...

Aqui estão estes soldados alemães que regressam de uma missão anfíbia. Nos pés, calçam umas botas munidas de barbatanas de borracha, de algum modo parecidas com as membranas dos palmípedes. Estes homens são marinheiros e pertencem à categoria dos «nadadores de guerra».



O TRABALHO
DO CHEFE
DE FAMÍLIA É A
ÚNICA RIQUEZA
DE MUITOS
LARES



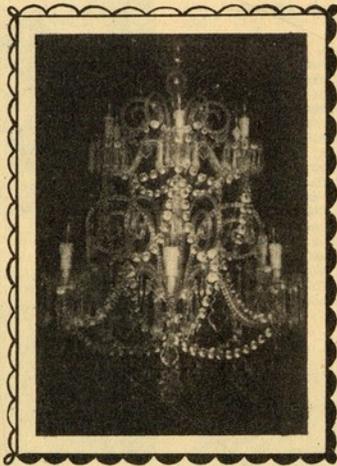
UM SIMPLES
ACIDENTE PODE
LANÇAR OS SEUS
NA MISÉRIA.
EVITE-A POR MEIO
DE UM SEGURO DE
DESASTRES PESSOAIS

N A

★ **ULTRAMARINA** ★

RUA DA PRATA, 108 - LISBOA - TEL. PABX. 23348/9

★ **LUSTRES** ★



APLIQUES ★ CASTIÇAIS ★ ABAT-
-JOURS ★ CANDELABROS ★ CANDIEI-
ROS DE MESA ★ RESTAURAÇÕES

J. R. de Brito
FABRICANTE

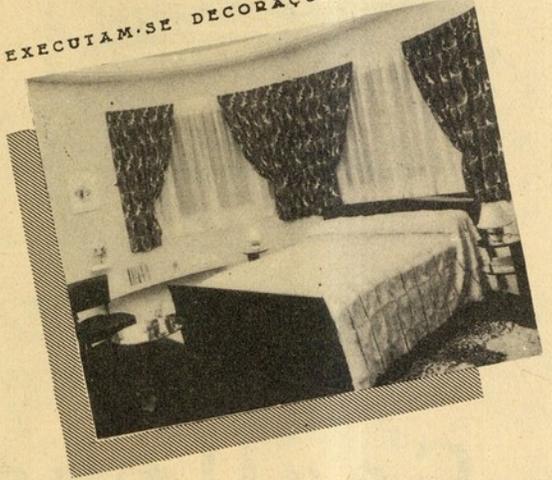
R. LUIZA TODI, 2 (Á R. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20497



*Móveis
Decorações*



EXECUTAM-SE DECORAÇÕES A RIGOR



PARA MOBILAR O SEU
LAR COM DISTINÇÃO
VISITE OS

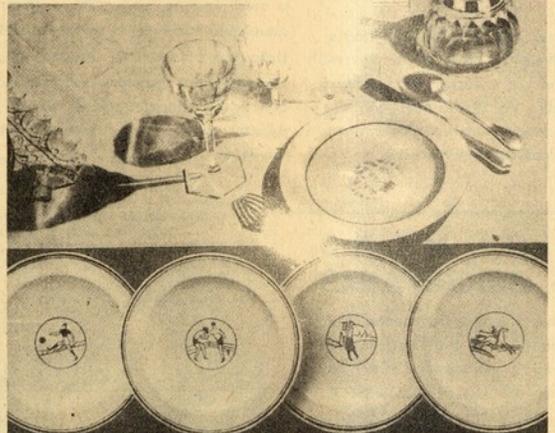
★ **ARMAZÉNS DA RUA DA PALMA**
DE LOPES & PINTO, L. DA

RUA DA PALMA, 118-124 - LISBOA - TELEF.: 28551

FÁBRICA PORTUGAL

APRESENTA O MELHOR
SORTIDO EM:

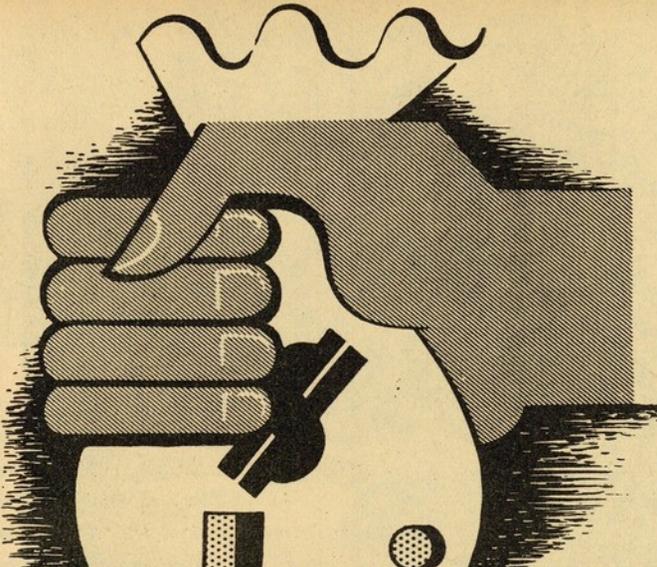
CRISTAIS
CUTELARIAS
PORCELANAS
ALUMÍNIO
LOUÇA ESMALTADA



NOS SEUS SALÕES DE VENDA

RUA FEBO MONIZ, 2-2º - TEL. 47157-8-9
PR. RESTAURADORES, 49-57 - > 24948
AV. DA REPUBLICA, 57 - > 41189
RUA DA GRAÇA, 82-84 - > 49109

PARA SER BEM SERVIDO SEJA CLIENTE DESTA BOA CASA



Proteja o seu capital

O seu carro é um valor que tende a depreciar-se rapidamente, desde que não seja utilizado com cuidado e mantido de acordo com as seguintes recomendações:

- 1 Verificar sempre a pressão dos pneus, antes de sair.
- 2 Mudar os pneus entre si aos 8.000 quilómetros.
- 3 Verificar a bateria todos os 15 dias, nivelando o electrólito.
- 4 Substituir o óleo do carter aos 1.500 quilómetros.
- 5 Fazer a lubrificação especializada do "chassis" aos 1.000 qms.
- 6 Dar pulimento na "carrosserie" uma vez por ano.
- 7 Desencrostar o radiador pelo menos duas vezes por ano.
- 8 Verificar a caixa de velocidades aos 1.500 quilómetros.
- 9 Limpar as velas aos 8.000 quilómetros, para poupar a gasolina.
- 10 Vistoriar os filtros de ar aos 3.000 quilómetros e substituir o de óleo aos 12.000 quilómetros.



MOBILLOIL

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

1999



Gente do mar

Pescadores de bacalhau

enérgicos e obstinados, homens heróicos que lutam pelo pão de um povo inteiro!



Nesta página damos aos nossos leitores alguns aspectos obtidos por alguns fotógrafos-amadores

durante o verão de 1944, nos mares da Terra Nova e da Groenlândia. A vida desses homens obscuros, ignorados do grande mundo das celebridades, mas que Pierre Loty e Kipling trouxeram magistralmente para a Literatura, está focada

nessas imagens em alguns instantâneos felizes, pelos quais facilmente se calcula quão árdua é a sua tarefa e quão perigosa decorre a sua existência. Entre os gêlos polares, acoçados por temporais que surgem inopinadamente e pelo traiçoeiro «ice-berg» que as correntes deslocam no oceano; em frágeis embarções, perigosamente carregadas; com uma existência dura de muitas horas consecutivas de árdua labuta diária — muitos dêles por lá ficam, vítimas da profissão arriscada e do dever cumprido. É de homenagem a êsses bravos ignorados, esta página que hoje oferecemos aos nossos leitores. Justo tributo prestado aos que trabalham, quando diariamente se tecem louvores aos que nada fazem...



A bordo, não há só o trabalho da recolha do peixe, do seu estripamento. É preciso ter as câmaras em bom funcionamento, e às vezes o gelo é indispensável...

(Foto Johnson)



Nem sempre terá sido possível obter um tão belo testemunho do «sol da meia-noite», em pleno Junho!

(Foto Pedro Zilhão)



A faina acabou. Agora, o pescador pode enrolar as velas — e preparar-se para um novo ano de trabalhos!

(Foto Johnson)



Velhos lóbos do mar, gente forte afeita à intempérie, força, o mar não há-de vencê-los!

(Foto Johnson)



Quando os mares polares se enraivecem, parece até que há-de trogar os barquitos portugueses!

(Foto Pedro Zilhão)



«Ice-berg» à vista! — um bonito espectáculo mas um companheiro indesejável...

(Foto Pedro Zilhão)



Cá de longe, da costa oriental britânica, mal se compreende o quadro: um «dory» na Terra Nova durante a descarga.

(Foto Pedro Zilhão)



Os «doryes», a abarrotar de carga, foram aliviados. Agora a faina a bordo é enorme, na preparação do bacalhau.

(Foto Pedro Zilhão)



Pode parecer simples esta operação. Mas a prática diz o contrário, quando o «parte-cabeças» entra em acção.

(Foto Pedro Zilhão)

COMENTARIOS

do

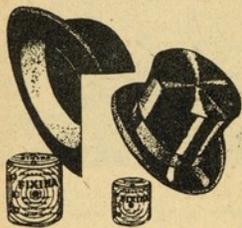
Repórter Mistério

sejos. E dou-lhe os meus parabéns pela originalidade das deduções apresentadas, pelo brilho do seu estilo e pela regularidade que demonstrou.

* Outro tanto devo dizer de «Rial Verro» (da Póvoa do Varzim), estreatante também. Ele defendeu briosamente a sua classificação e, estou certo, val ser nos próximos Concursos do «Detective», um perigosíssimo «challenger» ao título de campeão.

* Em terceiro lugar, outros estreatantes, donde se pode concluir que os novos simpatizantes da página colocaram em situação delicada os «veteranos». Conseguirão estes a sua desforra em breve? Aguardo o futuro com curiosidade.

Entretanto, louvo Condor (de Viana do Castelo) e os dois detectives de Lisboa, «Detective Branco» e «Detective Omar», pela aguerrida luta que travaram entre si e pela perseguição movida ao campeão e sub-campeão.



A nova fórmula de «FIXINA», criada em 1944, fixa, dá brilho e não seca. Exija «FIXINA»

FIXINA
O fixador de cabelo das pessoas distintas

1944. **Boião maior, 15\$00**
Boião menor, 10\$00
Vende-se nas boas drogas, barbearias e outros estabelecimentos. Laboratórios Rudi — Rua S.º Ildefonso, 29, Pórtó — Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., Ltd. — Rua dos Fanqueiros, 135-3.º Dt.º — Telef. 43582.

* Entre os outros, há a registar ainda a brilhante actuação de Milton Sherlock Holmes, uma jovem «veterana» da página, que conseguiu o melhor lugar entre os «veteranos» e a primeira classificação das senhoras. «All-Round Detective» (de Mafra), também confirmou as esperanças que nele depositel, e revelou ser um lutador de primeira linha. O mesmo sucedeu a Alberto de Penamacor (de Coimbra). Apenas falharam um pouco num dos problemas apresentados. E a culpa não foi bem deles...

Leiria Dias, o vencedor da Série Preparatória, foi menos feliz no I Concurso, ainda que de infeliz desse muitas esperanças aos seus admiradores. Vencido, mas não convencido (não é verdade, Leiria Dias?), ele prepara-se, talvez, para uma rápida desforra. Cuidado com ele.

* Todos os outros, afinal — e foram bastantes — não temeram a luta. Poucos desistiram. E dos fracos não reza a História.

Portanto, a todos que chegaram ao final, eu quero agradecer a sua presença. Uns merecem ser louvados (como, por exemplo, *Zé dos Anzós*, que no strás únicos problemas a que concorreu somou 60 pontos); outros têm direito à minha simpatia, porque, apesar de infelizes na prova, não abandonaram a luta (como, por exemplo, *Zirteba*, *Detective Vaos*, *Somos Dois de Braga*, *S. T. Maranhães*, *M.*, *Esoj Rapsag* e mais alguns).

* Correspondendo à sugestão apresentada por O. K. (de Braga), procedi à classificação por equipas de cidades. Isso, creio, vem pôr um novo interesse aos futuros Concursos. Ou não será assim?

III — ACERCA DOS PRODUTORES

Como está exposto nos Quadros da Classificação Geral, o primeiro título de Campeão dos Produtores coube por maioria de votos, a Artur Varatojo, de Lisboa. Assim, Artur Varatojo tem direito a receber um livro como prémio e em conformidade com os seus desejos.

Congratulo-me por ele ter vencido, pois Artur Varatojo é um dos mais sinceros entusiastas de «Mistério e Aventura», desde a criação da página.

* Em segundo lugar, e depois de largos períodos de indecisão na contagem dos votos, ficou Leiria Dias, outro grande amigo de «Mistério e Aventura».

* Na nossa opinião pessoal, os votos dos leitores traduziram magnifi-

PEÇA NA SUA PAPELARIA OS PRODUTOS «MOISÉS» TINTAS PARA ESCREVER, COLAS, LACRES E PAPEIS QUÍMICOS



MOISÉS & REIS, L.ª
FABRICAS: TRAV. DAS ÁGUES DOBS, 11
TEL. 208 50 2 207
UMA FABRICA DE PÓLIPOR, 27-B
TEL. 208 01 001
LISBOA

mente o valor dos problemas. De facto, *O Crime do Jogador* pareceu-nos o mais bem architectado pela sua aparente dificuldade e pela conclusão baseada em raciocínios rigorosos de atenção mas simples de processo. O desenho, imperfeito, não diminuiu, de maneira alguma, os méritos do problema de Artur Varatojo. Leiria Dias serviu-se dum idéia curiosa e de bom resultado. Simplesmente, as suas conclusões levantaram algumas divergências e comentários entre os leitores, chegando alguns deles a enviarem-me notas místicas, onde se prova que o arsénio misturado na goma do envelope nunca poderia matar imediatamente o industrial. Essa morte só poderia suceder muito tempo depois. Eis a única falha do «Envenenado».

Os problemas de R. F. (Lisboa) e *Lobo Solitário* (Pórtó), foram os mais fracos e andaram em votação um pelo outro. Ambos tinham uma construção fácil e, por conseguinte, com pouco rigor nas conclusões. Mas...

devagar se val ao longe, e R. F. e *Lobo Solitário* estão prontos para as competições futuras. Problemas não faltam.

* Ainda uma nota explicativa: por graha, safu nas respostas ao Problema n.º 4, este período: «*O Lagartixa segurava as cartas com uma das mãos e com a outra contava as marcas*», quando deveria ter saído: «*O Lagartixa segurava as marcas com uma das mãos e com a outra contava as mesmas marcas*». Aliás, isso concluiu-se do desenho (onde o que parece a dobra do tempo é apenas um tempo inferior, como se usa nas mesas de café, para pôr chapéus, etc.).

* Acabado, pois, este I Concurso com o melhor dos êxitos — eu espero que os leitores recebam com interesse a notícia do próximo aparecimento de «Detective», um jornal nascido da página «Mistério e Aventura», que pretende renovar o bom jornalismo de emoção, perdido entre nós desde os tempos saudosos de Rinaldo Ferreira, o «Repórter X».

COMPANHIA ALCOBIA

FORNECEDORES DOS MELHORES E MAIS LINDOS MOBILIÁRIOS

CÓMODAS DE ESTILO * PORCELANAS DE SAXE * ESPELHOS DE VENEZA * CANDEEIROS DE CRISTAL, DE FERRO FORJADO E DE MADEIRA * TAPEÇARIAS * MARQUISSETTES E VOILES SUÍÇOS * CARPETES DE LÃ *

★ COMPANHIA ALCOBIA ★

RUA IVENS, 14 (Esquina da Rua Capela) / Telef. 26441 / LISBOA



O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em todas as casas. Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

PHILIPS



R. DE S. PAULO, 11-13 — LISBOA — TEL. 24888

FRIGORÍFICOS * RÁDIO * LUZ * SOM

ESTA CASA DISTRIBUI CALENDÁRIOS COM ESTE MOTIVO

I — ACERCA DOS CONCURSOS

Sinceramente, o êxito alcançado pelo nosso I Concurso foi muito ilustre. De Lisboa e de toda a provincia vieram os mais entusiasticos aplausos. Os concorrentes bateram-se numa luta reñhida, problema a problema, e foram unanimes em reconhecer a justiça e a lealdade do meu julgamento. A todos, portanto, muito e muito obrigado.

* Tenho recebido imensas perguntas sobre o II Concurso Mensal. Discretamente, fiz silencio até agora sobre isso. Mas hoje já posso e devo informar que em virtude das transformações que esta página vai sofrer — os Concursos de Mistério e Aventura aumentarão de interesse, de popularidade e de entusiasmo, com toda a certeza.

* No primeiro número de «Detective», o jornal da emoção (suplemento policial de «Vida Mundial Ilustrada») encontrarão os meus queridos leitores todos os esclarecimentos que desejarem.

II — ACERCA DOS SOLUCIONISTAS

Antes de mais nada devo felicitar Arthur N. R., um estreatre de Lisboa, que garbosamente arrancou com invulgar brilho o primeiro titulo de Campeão dos Solucionistas dos Concursos de Mistério e Aventura. Muito bem! Classificado no segundo pelotão do 1.º problema, Arthur N. R. subiu, de seguida, ao 1.º posto e acabou por se isolar dos companheiros no 3.º problema, mantendo a posição conquistada até final.

Arthur N. R. tem, portanto, direito a um livro de prémio, que lhe será oferecido de acordo com os seus de-

(Continua na pág. 14)

Sistema original de apostas

DAMOS a seguir os resultados do Sistema Original de Apostas referente ao I Concurso Mensal de Mistério e Aventura. Como nenhum dos concorrentes escolheu para seu favorito Arthur N. R., o campeão dos solucionistas — todos os volumes apostados nos solucionistas ficam à disposição dos concorrentes, ou para serem levantados ou para serem apostados no II Concurso, a iniciar-se já no primeiro número de «Detective».

Quanto às apostas nos Produtores, venceram aqueles que escolheram para favorito *Artur Varatojo*. No intuito de dar maior extensão ao resultado das apostas, resolvemos distribuir os livros apostados e os livros ganhos de tal maneira que cada concorrente vencedor leve livros diferentes daqueles que apostou. Achem bem?

Assim, teremos, por exemplo, em referência aos números de inscrição: 1) Mac B. Learn (Lisboa), que apostou «China, terra de Angústia», receberá «Quem Matou?» e «O roubo do brilhante azul».

7) Eureka (Lisboa), que apostou «O Penitenciário 1022», receberá um livro à escolha oferecido por «O Homem do Cachimbo» e «Gangsters em Paris».

8) O. K. (Braga), que apostou «Os Fantasmas», receberá «China, terra de Angústia» e «O Penitenciário 1022».

9) Natércia Leite (Lisboa), que apostou «O Cavaleiro da Noite», receberá «A esfera misteriosa» e «Noites tenebrosas de Xangai».

10) Saloió (Caneças), que apostou «Noites tenebrosas de Xangai», receberá «A Morte em Marrocos» e «Os Fantasmas».

Finalmente, como sobrava um volume — ou seja «O Cavaleiro da Noite» — foi esse volume sorteado entre os concorrentes vencedores, cabendo a O. K. (Braga).

(Continua na pág. 18)

CORRESPONDÊNCIA

Leitores:

Finalmente, posso revelar-lhes a prometida surpresa. Trata-se, simplesmente, disto: a página «Mistério e Aventura» vai transformar-se num grande jornal, «Detectives», suplemento policial de «Vida Mundial Ilustrada», e cujo primeiro número deve aparecer no dia 1 de Março.

Satisfeitos? Creio que sim. Como vêem, caros leitores, as vossas cartas e os vossos pedidos não foram em vão. Queriam uma revista mensal, não é verdade? Pois eu consegui-lhes um jornal quinzenário, jornal que nasce do interesse suscitado por esta página e do carinho que lhes mereceram as minhas modestas idéias, postas ao serviço da vossa distração e dos vossos desejos de bem passar o tempo, longe das já enfadonhas notícias da guerra.

A grande surpresa aí está! No dia 1 de Março vai aparecer «Detectives», o jornal da emoção, de cujo primeiro sumário faço destacar desde já: «O Presidente Roosevelt escreveu um romance policial», «O Sindicato dos Crimes», «Fui eu que a matei!», uma sugestiva novela de Stephen Gordon, «O coração revelador», de Edgar Poé, «Quando Conan Doyle foi Detective», a impressionante novela de Sax Rolmer «A Serpente de Jade», um inquérito sensacional: «Já teve médo alguma vez?», em que respondem o dr. Ramada Curto e o chefe Pereira dos Santos, a condensação do grande romance policial «Ela veio às dez horas», do popular escritor inglês Herbert Adams, o conto de Jack London «Yan, o terrível» e outros assuntos repletos de interesse e emoção.

Além disso, mantêm-se todas as secções desta página (Correspondência, Tribuna do Leitor, Sistema Original de Apostas, etc.), alargando-lhes o âmbito e criando novas secções, como, por exemplo, os inquéritos fotográficos «Veja se tem boa observação», as sabatinas de Perguntas e Respostas, as «premières» de Detective, em que serão revelados os melhores filmes de mistério e aventura, ainda a estrear, e uma outra secção de permanente contacto entre os leitores e o jornal.

Finalmente, no primeiro número de «Detective» continuam-se os «Concursos de Mistério e Aventura», com o mesmo regulamento do I Concurso, realizado nesta página, apenas diferindo por que passam a ser bi-mensais.

Creio, leitores amigos, que acabo de vos dar uma boa surpresa e de compensar bem o interesse com que rodaram esta página, desde que ela foi criada. Creio, também, que o extracto do sumário vos despertou o appetite... Mas, agora, se quiserem saber mais alguma coisa — leiam «Detective», o jornal da emoção. Faltam já poucos dias para 1 de Março...

REPORTER MISTÉRIO

Quadro da classificação geral dos concorrentes ao 1.º Concurso mensal

QUADRO DE HONRA	
CAMPEÃO DE SOLUCIONISTAS Arthur N. R. (Lisboa), com 79 pontos.	2.º — Detective Branco Detective Omar. Mimi Sherlock Holmes (Lisboa). 4.º — Mister J. G. Reeder. Wens.
CAMPEÃO DE PRODUTORES Artur Varatojo (Lisboa), com 271 votos.	7.º — Leiria Dias. 8.º — R. P. 9.º — Mac B. Learn. 10.º — Rómulo. Eureka.
CLASSIFICAÇÃO GERAL (até ao 20.º classificado)	
Com 79 pontos: 1.º — Arthur N. R. (Lisboa).	Concorrentes da Provincia:
Com 78 pontos: 2.º — Rial Verro (Póvoa do Varzim).	1.º — Rial Verro (Póvoa do Varzim). 2.º — Condor (Viana do Castelo). 3.º — All-Round Detective (Mafra). 4.º — Alberto de Penamacor (Colmbra). 5.º — Jobel Cordias (Ovar). 6.º — Fernando Rosa (Lisboa). O Lobo Solitário (Pôrto). 8.º — Rapsag (Setúbal).
Com 77 pontos: Condor (Viana do Castelo). 3.º — Detective Branco (Lisboa). Detective Omar (Lisboa).	Concorrentes femininos:
Com 76 pontos: All-Round Detective (Mafra). Mimi Sherlock-Holmes (Lisboa). 6.º — Mister J. G. Reeder (Lisboa). Wens (Lisboa).	1.º — Mimi Sherlock-Holmes (Lisboa). 2.º — Natércia Leite (Lisboa). 3.º — Fanny Covilhã. 4.º — Ivone Costa (Lisboa). 5.º — Miss All-Round (Lisboa). 6.º — Zirteba (Lisboa). 7.º — Miss Damby (Lisboa).
Com 75 pontos: 10.º — Leiria Dias (Lisboa).	CLASSIFICAÇÃO POR CIDADES
Com 73 pontos: 11.º — R. P. (Lisboa).	1.º — Equipa Masculina de Lisboa (Arthur N. R. e Detective Branco) — com 156 pontos. 2.º — Equipa Feminina de Lisboa (Mimi Sherlock-Holmes e Natércia Leite) — com 141 pontos. 3.º — Equipa Masculina de Colmbra (Alberto de Penamacor e Abelha Mestra) — com 125 pontos. 4.º — Equipa Masculina de Ovar (Jobel Cordias e Sherlock-Holmes Vareiro) — com 120 pontos. 5.º — Equipa Masculina do Pôrto (Lobo Solitário e Sam-X) — com 115 pontos. 6.º — Equipa Masculina de Setúbal (Rapsag e Inspector Manardo) — com 112 pontos. 7.º — Equipa Mista da Covilhã (Fanny e Esolj Rapsag) — com 95 pontos.
Com 69 pontos: 12.º — Alberto de Penamacor (Colmbra).	Concorrentes de Lisboa:
Com 68 pontos: 13.º — Jobel Cordias (Ovar). Mac B. Learn (Lisboa).	1.º — Arthur N. R.
Com 67 pontos: 15.º — Rómulo (Lisboa). Eureka (Lisboa).	
Com 66 pontos: 17.º — Fernando Rosa (Lisboa). O Lobo Solitário (Pôrto).	
Com 65 pontos: 19.º — Natércia Leite (Lisboa). Rapsag (Setúbal).	
CLASSIFICAÇÃO POR CATEGORIAS	

(Continua na pág. 18)

Quadro de classificação do Problema n.º 4 — 1.º Concurso mensal

COM 20 PONTOS:

- (56) Abelha Mestra (Colmbra).
- (69) Alberto de Penamacor (Colmbra).
- (76) All-Round Detective (Mafra).
- (79) Arthur N. R. (Lisboa).
- (77) Condor (Viana do Castelo).
- (77) Detective Branco (Lisboa).
- (77) Detective Omar (Lisboa).
- (20) Detective Z (Lisboa).
- (66) Fernando Rosa (Leiria).
- (64) Insignificante (Guarda).
- (39) J. Simões (Caldas da Rainha).
- (75) Leiria Dias (Lisboa).
- (54) Miss All-Round (Lisboa).
- (76) Mister J. G. Reeder (Lisboa).
- (61) O Homem do Cachimbo (Lisboa).
- (65) Natércia Leite (Lisboa).
- (65) Rapsag (Setúbal).
- (78) Rial Verro (Póvoa do Varzim).
- (59) Thaoula (Lisboa).
- (76) Wens (Lisboa).
- (60) Zé dos Anzóis (Lisboa).

COM 19 PONTOS:

- (48) Fantomas (Lisboa).
- (33) Manolós Anton (Lisboa).
- (76) Mimi Sherlock-Holmes (Lisboa).
- (40) O. K. (Braga).
- (33) O Santo Moledense (Moledo).

COM 18 PONTOS:

- (55) Ivone Costa (Lisboa).
- (73) R. P. (Lisboa).
- (51) Zarathrusta (Beja).
- (42) Zirteba (Lisboa).
- COM 17 PONTOS:
- (34) Duarte Pimentel (Lisboa).
- (61) Fanny (Covilhã).
- (50) Fernando Edgar Trigo (Ermeizinde).
- (68) Jobel Cordias (Ovar).
- (34) Miss Damby (Lisboa).
- (67) Rómulo (Lisboa).
- (32) Saloió (Caneças).

COM 16 PONTOS:

- (60) António Dodefroy (Queluz).
- (41) Detective Vaos (Pôrto).
- (68) Mac B. Learn (Lisboa).
- (47) Repórter F. (Lisboa).
- (49) Sam-X (Pôrto).

COM 15 PONTOS:

- (55) António C. Bernardo (Loures).
- (15) Edmar (Pôrto).
- (35) Sánalo (Lisboa).
- (54) Rocanol (Nelas).
- (52) Sherlock-Holmes Vareiro (Ovar).

COM 14 PONTOS:

- (25) H. R. (Pinhel).
- (47) Repórter n.º 8 (Vendas Novas).

COM 13 PONTOS:

- (66) O Lobo Solitário (Pôrto).
- (48) Somos Dois de Braga (Braga).

COM 12 PONTOS:

- (12) Cócó, Ranheta e Facada (Reguengos de Monsaraz).
- (12) P. P. (Foz do Douro).
- (46) José de Sousa (Pôrto).

COM 11 PONTOS:

- (33) Detective de Calças (Colmbra).
- (67) Eureka (Lisboa).
- (60) Ferraz da Costa (Lisboa).
- (42) Jorge Belo (Viseu).
- (56) Manuel Pereira Soares (Macedo de Cavaleiros).
- (30) Nick-Carter (Lisboa).

COM 10 PONTOS:

- (47) Detective Águia (Lisboa).
- (31) M. (Algés).

(Continua na pág. 18)



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Ondas	Ondas	Ondas	Ondas
19,30	30,9	19,5	23	39,6
19,45	23	39,6		
21,45	23	39,6	49,6	
às				
22,15				

Ouça o locutor JORGE ALVES às 21,45

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser escutada por intermédio da «B. B. C.», todos os dias das 18,45 às 19,00.

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA



*As pessoas elegantes
calçam os sapatos*

Cristal

Telefone 42424

RUA DO SALITRE, 42-D

Madrid, cidade paradoxal onde se trabalha a toda a hora e onde se canta e baila a todo o momento...

(Continuação da pág. 7)

leva-nos a um largo grande e irregular onde alguns edifícios em demolição nos trazem à lembrança os horrores da guerra civil. Muitas ruas em todas as direcções... E tomamos por uma no sentido em que julgamos ser o Norte. O frio parece que se dignou abrandar; e a aragem do Guadarrama, que um manto de neve sobremaneira embeleza nesta época do ano, é mais suave e não caustica já. E o som dos nossos passos arrancam outros sons das paredes escuras e ataneiras da *calle* estreita por onde seguimos...

Um arco, um mercado, um palácio e... dois polícias, carabina a tira-colo. A nossa aproximação os guardas param de conversar e atentam bem em nós... Vamos até junto deles.

— *Buenas noches, señores!* — dizem, assim como que a pedir calma.
— *Buenas!* — respondem-nos sécamente.

— *Mucho frio, verdad?!*

Nada contestam. Parecem desconfiados da nossa aparição àquela hora tardia. Dizemos o que somos e que andamos fazendo... E, agora, certos já de que não estão na presença de um qualquer *borracho* ou de insinuante *golfo* carteirista e malandrão, oferecem-nos um cigarro e interrogam-nos, cordialmente, sobre Portugal e os seus chefes, de quem nos falam com o maior respeito e admiração. E é na companhia daqueles dois gigantes — os polícias de Madrid são todos assim, gigantescos — que passamos pela Plaza Mayor, praça fechada e toda circundada de arcadas tal qual o Terreiro do Paço, e falamos do sr. Lequerica, actual Ministro dos Assuntos Exteriores e sincero amigo de Portugal cujo ministério está cerca daquele enorme Rossio.

Com algumas palavras de agradecimento despedimo-nos dos amáveis polícias que, ao meio da praça, junto do monumento, eram afirmação carnal de que a Espanha de Carlos V, ali em estátua, continua firme e atenta...

Um largo enorme, pleno de pequenas estátuas em mármore branco, traz-nos de repente à memória Versalhes e os lindos jardins de Queluz. É a Plaza de Oriente. Ao fundo, recorta-se, através da neblina pouco densa, a mole imensa de um palácio — é o Palácio de Oriente, onde Franco recebe os diplomatas e onde Muñoz Grande tem o seu gabinete de Chefe da Casa Militar do Caudilho.

Continuamos... Passado algum tempo encontramos-nos, com surpresa, no largo conhecido pelo desleigante nome de Callao... Pequenos arranha-céus de doze andares prendem-nos, por momentos, a atenção. O Capitol, o Palácio de la Prensa e outros mais mesquinhos, onde, em cada andar há um letreiro de hotel ou pensão...

Metemos depois pela Gran Vía, hoje Avenida de José António, e o letreiro do «Pasapoga», o «cabaré» mais luxuoso de Madrid, fere-nos ainda a vista com a sua forte luz vermelha... No mesmo edifício, o Cine-Avenida, ao lado o Palácio de la Música, em frente o cine do Palácio de la Prensa, mais além o «Capitol» e o «Callao» e ainda outros.

Estes, são os melhores e mais luxuosos cinemas da capital de Espanha. Toda a «José António» é constituída por prédios de pelo menos dez andares. E aquela avenida tão concorrida durante o dia tem, agora, de madrugada, algo de fúnebre, de cemitério, que quasi nos atemoriza... Mas logo a Telefónica, com os seus dezassete andares de uma arquitectura fria e pobre, bem modernista afinal, começa a pesar psicologicamente sobre nós e leva-nos a pensar nos arranha-céus «yanquees» que já mais vimos...

São quasi quatro horas. Não sei porquê, mas os candeeiros dão, agora, uma luz mais viva, mais intensa. E o colar de luzes que embeleza Alcalá, a segunda avenida de Madrid, senão a primeira, é algo de belo que maravilha e lembra Paris.

Lá em baixo, no fundo da pequena e suavíssima ladeira de Alcalá, o Banco de Espanha dorme, molemente, sobre os milhões que arrecada — e os outros Bancos que enchem o local, frente a ele e mais acima, invejam talvez o seu exclusivismo plutocrático ruminando contos-correntes...

Mesmo diante das janelas sem beleza do Banco de Espanha, o Ministério do Exército no meio de um grande jardim. Mais além, do outro lado da rotunda que temos em frente, a Plaza de Cibeles, desenhem-se, em esbatido japonês, as grandes construções do Palácio dos Correios e Ministério da Marinha.

Ao entrarmos na Cibeles um falazar constante chama-nos a atenção. E são vozes, risos e... canções — *cocktail* de alegria que nos apeteceu beber... E, paulatinamente, acercam-nos da pequena multidão que em plena rua folgava.

— *Sevillano pátio mero, ¡Barrio de la Moreria!*
El recuerdo triste lloro,
de un querer que yo... tenia!

Uma *chica*, rodeada por um grupo em que não distingo qualquer cara conhecida, canta e parece que baila, se bailar se pode chamar a um menear de ancas e a alguns enfeados passos de marcha toureira. O frio continua a incomodar e a névoa é, talvez, agora, mais densa e impiedosa.

De súbito, somos abraçados por um rapaz — é um amigo recente, um hispano-luso ou vice-versa, que tem fama de boémio.

— *Que é isto?* — preguntamos-lhe.

— *É o Cabaré de las Llamas, tu chama-las... e elas vêm!*... Mira!... Ói, Lolita, Mary, Juanita, venga Doña Amparol!

Um quantas mulheres acorrem imediatamente. No braço um pequeno césto, na mão um copo e nos lábios pintados um sorriso convidativo e gentil...

— *Que quiere Usted? Anis?* — pergunta uma. — *Vino, ofrece otra. Desea Usted manzanilla?* — interroga uma terceira. *Algo de comer? Tengo bollos, bocadillos, mire, mire, vea Usted?!*... E apresenta-me um girão tabuleiro de verga pleno de guloseimas e sanduiches.

E as vendedoras daquele «cabaré» de *estrapélio* (mercado negro), não se apresentavam mal — bem penteadas, como toda a madrileña que se preza, casacos de peles, peça de vestuário vulgaríssima nesta cidade e sapatos caros, quicá de luxo... E que as negociantes auferem lucros de fazer inveja aos penhoristas hisboetas...

Perto, noutro grupo, um rapaz cantava a cantiga agora em voga:

— *Portuguesaña, miña, miña, miña!*

Cantiga esta que passa por ser de Portugal, pois que ainda se ouvem, na versão espanhola, a «Roupa branca da ribeira», o «Firo-Liro-Liro» e o «Sebastião come tudo», que, todos os dias, fazem as delícias dos frequentadores de um qualquer café-concerto cujo nome olvidámos.

Mas o *Cabare de las Llamas*, sem paredes, sem portas, sem telhado, sem nada mais a não ser o público e as vendedoras, não era convidativo... Quis sair, as *señoritas* protestaram e impingiram-nos mais anis. E além disto, o nosso amigo boémio era autêntica grilheta a segurar-nos ali... Um chuveiro ligeiro começou a cair — e isso nos permitiu descolar...

Madrid, em volta, continuava silenciando. E a mesma voz feminina que há pouco cantava uma toada andaluza, afirma, agora, piangando Raquel Meller, que:

— *En el Madrid romántico*
No se oye otra canción,
Mariquita, Mariquita, Doña Mariquita,
Doña Mariquita de mi corazón!

AUTORES DE HOJE

DR. RAMADA CURTO



Ramada Curto pegou nas suas belas crônicas e fez delas um feixe de sugestiva leitura: «O Preto no Branco», que Sutart completou com uma capa que é uma galeria de tipos, de almas, de sombras e de vidas — precisamente, todo o conteúdo das páginas do livro. A ironia, a graça, aquela amável bonhomia, aquela subtil filosofia de Ramada dramaturgo, cronista e romancista — tudo isso está expresso em «Preto no Branco» e vai despertar uma curiosidade justa e assinalável, por parte do público muito seu. (A edição é da Empresa Nacional de Publicidade).

DR. EDUARDO DIAS



A Livraria Clássica Editora publicou, agora, «Argonautas da Mancha», um bem apresentado volume escrito pelo dr. Eduardo Dias. É um trabalho preciso, pelo que nos revela de um povo e de um mundo que, andando tão apertados ao destino português, afinal, ainda em muitos casos, está senão por descobrir, pelo menos por trazer para o cotidiano das nossas idéias, sobre civilização, cultura e grandeza da humanidade. «Argonautas da Mancha» fala-nos da história dos corsários britânicos, dos seus exploradores — daqueles que, depois de nós, foram capazes de levar uma mensagem civilizadora onde os portugueses não puderam ficar.

FERNANDO CAMPOS



Fernando Campos tem dispendido um assinalável esforço a favor da política das idéias e do pensamento nacionalista. A sua bibliografia é já vasta, neste campo. A sua persistência muito maior ainda. Agora, e dentro do mesmo sentido político e social, Fernando Campos publicou «No saguão do liberalismo» — onde se interpretam palavras e atitudes daqueles que formaram a primeira água do nosso movimento liberal — embora, naturalmente, um movimento menos corpóreo do que ideológico. Eça, Soriano, Antero, Oliveira Martins, Pinho, Hercúano, Garrett aparecem atingidos na sua estrutura política — porque as palavras, as mais honestas, são traçoceiras e susceptíveis de várias interpretações. Seja como for, o livro do sr. Fernando de Campos — se não nos convence de que os desânimos dos homens podem considerar-se renúncia ou repúdio de idéias — constitui uma trabalho de fôlego e interesse. (Edições Gama).

POETAS E POESIAS

Livros para os nossos miúdos

«NO PALÁCIO MARAVILHOSO DO PAI NATAL»



René de Charmoy — que os nossos leitores conhecem de alguns dos seus contos por nós publicados — é uma senhora francesa que a guerra trouxe para nós e que nos deu agora um pequeno livro para as crianças portuguesas. Intitula-se «No Palácio Maravilhoso do Pai Natal» — e, quanto o título parece situá-lo no ciclo da literatura infantil do período do Natal, garantimos que este livrinho é um pequeno romance bem urdido, bem escrito e bem pensado que a petizada vai com certeza apreciar, com aquele espírito de justiça e isenção que a miúdadagem tão bem sabe usar nos seus juízos. (A edição é da Editorial A.C.I.P.).

«BICHOS, BICHINHOS E BICHARCOÇOS»



Com ilustrações de Guida Ottonini, publicou Leonor de Campos — que tem já uma vasta galeria de pequenas obras dedicadas às crianças — mais um pequeno volume intitulado «Bichos, Bichinhos e Bicharcoços». Os desenhos têm muito espírito, e a autora destes oito pequenos contos pôs ao serviço dos seus leitores uma fresca imaginação, com a bicharada a falar e a pensar com um tino como não pensa gente humana, muitas vezes... Além de um simpático sentido moral, estes contos de Leonor de Campos valem, ainda, pela graça do estilo e a simplicidade da forma. (Edição da Empresa Nacional de Publicidade).

Miguel Trigueiros reeditou o seu livro de versos — poesia nova — «Resgates». O facto de um livro de versos — e, demais, intitulado «poesia nova» — atingir uma terceira edição é, só por si, uma referência a que a crítica tem de se curvar. Todavia, é preciso dizê-lo desde já, o livro de Miguel Trigueiros não vale só por esta 3.ª edição — mas pelo valor intrínseco dos versos, onde palpita uma vida objectiva, sublimada pela expressão subtil de uma forte inspiração poética. Aqui se assinala, pois, o novo êxito de Miguel Trigueiros. (Edição do autor).

* O autor de alguns belos romances e ensaios — Charles Oulmont — publicou como que o seu livro de memórias poéticas. Intitula-se «Message Personnel» — e é, de algum modo, um canto a Portugal, onde tem vivido, durante os duros anos que esta guerra impôs à sua pátria, que é a França gloriosamente eterna. Em muitas das suas páginas — escritas em francês e traduzidas em português, polaco, servo-croata e inglês — há belas poesias de sentimento, de evocação, de idéias puras e nobres — um relancear de olhos sobre o mundo, incluindo o canto português. «Message Personnel» é, assim, um dos mais universais livros de Charles Oulmont — e não obstante, êle, aqui, é superiormente intimista! (Edições Gleba).

* O naufrago perfeito — eis o título do novo apanhado de versos que António de Sousa nos manda de Coimbra. São versos de uma singeleza clássica, coisas de nada que inspiraram o poeta, quasi sempre a exprimir-se na métrica pequena, como se nos versos pequeninos coubesse melhor a simplicidade e a modestia do seu estro. (Edição da Atlântida — Coimbra).



Letras estrangeiras

Um homem e alguns livros discutíveis

O homem chama-se Chesterton; os livros têm, por exemplo, os títulos de «O homem que sabia demasiado» ou «O Padre Brown». Há quem considere o autor um plagiador de «Sherlock Holmes», e há quem esteja deveras indignado com a afronta deste escritor inglês pretender fazer romances e celebridade à custa de outros romances e de outras celebridades. E o caso torna-se muito mais grave, segundo os polémistas estrangeiros, porque Chesterton, com a sua responsabilidade de moralista, com um passado literário cheio de nobreza — não precisaria de procurar assuntos em leituras detectivescas... A originalidade, porém, de Chesterton, onde há sempre um gósto de parábola ou um sentido elegíaco de idéias e de frases, está muito acima das pequenas polémicas críticas que os seus livros têm o excepcional condão de provocar.

Leram já o seu «Bernard Shaw»? Se leram, não-de compreender as razões que unem e distanciam os dois «tiranos» da opinião própria. Mas, mais do que tudo, ali como em toda a prosa que a sua pena subscrive, há uma originalidade indiscutível embora não isenta de retórica engenhosa. Enfim, Chesterton não é apenas um moralista, um subtil filósofo e agudo polemista: ao lado de tudo que poderia parecer derivação, subterfúgio, base no equivoco ou no argumento refutável — há o homem disciplinado, o arquitecto do conto, do romance ou da novela. E de tudo faz distinção, como bom técnico que se preza de ser. Por isso o apontamos aqui como exemplo daqueles que entre nós pensam que o nome de romance, o conto ou a novela dependem simplesmente do número das páginas do volume...

FAÇA DE PAPEL

VAMOS LER...

* Pela mão da Coimbra Editora, surge-nos um novo prosador: João Falcato, que escreveu «Fogo no mar» — a história do «Meio», em chamas sobre o Oceano. Poderemos chamar a este livro uma reportagem romancada? O nome não importa. O que importa é dizer que estamos em presença de um escritor de garra e que o seu livro galvaniza o leitor. João Falcato, porém, anuncia-nos já outro trabalho: «Cépo de Lobos» — e que, por certo, será uma ampla afirmação do valor que neste livro se anuncia. A capa merece especial referência.

De Metzener Leone, vai aparecer um novo romance. Depois de «Uma aventura loira» — teremos agora «A Marselhesa», em edição de «Vida Mundial»...

...Antes, porém, do mesmo autor, deve aparecer «Aconteceu assim...», um romance editado pela Livraria Franco...

...Para a Atlântida, de Coimbra, está José de Freitas a concluir um grosso volume de política internacional.

* E, ainda, a Coimbra Editora que, pela sua colecção «Novos Prosadores» nos revela um novo autor: Joaquim Ferrer, que escreveu um romance a que chamou «Ilha doida» — e, desde já, uma referência à bonita capa de Palla — cheio de interesse novellesco e escrito num estilo edulcificado. Assinalamos, por isso, o seu autor, como um dos futuros valores da nossa literatura de ficção, a emparecear com alguns dos poucos novos que, ultimamente, se têm afirmado escritores de facto.

* «Nanda», assim se intitula o livrinho de versos que o sr. Fernando Sylvan escreveu, para dar largas à sua veia poética. É um trabalho sem grandes vãos, sem nenhuma intenção que não sejam exactamente essas: fazer rimas, deixar perder a alma em devaneios, matar o tempo em alguma coisa de amável e que muito há-de sensibilizar a alma do seu autor que é, ao mesmo tempo, o editor do livrinho em referência.

OS NOSSOS LEITORES E ASSINANTES

A partir do próximo número, o preço avulso de «Vida Mundial Ilustrada» passará a ser de Esc. 1\$80. Isto é, sofrerá um agravamento de 30 centavos. E bem contrariados, podemos mesmo afirmar, é com bastante pesar nosso, que tomamos semelhante decisão.

Embora outras revistas gráficas se hajam já vistas na necessidade de aumentar o seu preço — e a razão é sempre a mesma — temos resistido até agora a esse novo encargo para os nossos leitores, pois compreendemos perfeitamente que, nas circunstâncias actuais, em que mais ou menos todos vivem sob um orçamento mais que limitado, nada aconselha a agravar a sua situação económica.

Mas as circunstâncias podem mais que a nossa vontade. Sendo esta revista feita, na sua parte gráfica, pelo processo especial de «offset», em que a base são o material fotográfico e os produtos químicos, e tendo estes, mercê da guerra e das dificuldades de importação, atingido preços verdadeiramente estonteantes, viram-se as oficinas gráficas onde esta revista é composta e impressa, obrigadas a aumentar, em alguns milhares de escudos, e por semana, o custo de «Vida Mundial Ilustrada». Nestas circunstâncias, o preço de cada exemplar manufacturado desta revista passou a ser superior àquêle por que o vendemos ao público. E isto, apesar da nossa tiragem, que é das maiores das revistas portuguesas. Portanto, a crise não é de venda; o problema é apenas do preço.

Colocados nesta difícil situação, os nós resta, para poder prosseguir, um recurso, se não o melhor, se bem que aquêle que mais nos contraria, o único possível: aumentar o preço avulso e o preço de assinatura desta revista. Não adoptá-lo desde já, seria inutilizar definitivamente uma idéa que tanto temos acarinhado, seria inutilizar um esforço de quasi cinco anos, seria dar por finda a vida de uma publicação que, mesmo através de sacrifícios, temos procurado manter para honra da imprensa portuguesa.

Como irão os leitores, que sempre nos têm acompanhado, receber esta nossa solução? Como irão reagir com este agravamento de preço forçado apenas pelas circunstâncias? Confessamos que não sabemos. Mas seja como for, a verdade é esta: «Vida Mundial Ilustrada» só poderá subsistir se lhe derem para isso os indispensáveis meios de vida. O seu futuro, de vida ou de morte está, portanto, nas mãos dos seus leitores. Estes decidirão!

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

Compre-se o n.º 17. Resposta à Redacção ou telefonar para 4 8439.

Sistema original de apostas

(Continuação da pág. 15)

Entretanto, antes de enviarmos os volumes — esperamos que os premiados nos digam se estão de acordo ou se preferem alguma troca, por já possuírem os livros que lhes destinámos.

Por outro lado, rogamos a Eureka (Lisboa), o favor de indicar a «O Homem do Cachimbo» o volume que deseja, e pedimos também a Aljofe (Pórtio) e a Detective Omar (Lisboa), o obséquio de nos enviarem, urgentemente, os livros que apostaram.

Finalmente, aguardamos dos interessados o destino a dar aos volumes apostados em «vão» nos solucionistas. E acreditamos que o entusiasmo continue para o Sistema de Apostas referente ao próximo II Concurso de Mistério e Aventura.

Quadro da classificação geral dos concorrentes ao

1.º concurso mensal

(Continuação da pág. 15)

8.º — Equipa Masculina de Braga (Somos Dois de Braga e O.K.) — com 88 pontos.

CLASSIFICAÇÃO GERAL DOS PRODUTORES

1.º — Artur Varatojo (Lisboa), autor de «O Crime do Jogador» — com 271 votos.

2.º — Leiria Dias (Lisboa), autor de «Envenenado!» — com 244 votos.

3.º — R. P. (Lisboa), autor de «Houve um crime no dancing» — com 164 pontos.

4.º — O Lobo Solitário (Pórtio), autor de «O roubo das Jóias» — com 162 pontos.

Quadro de classificação

Problema n.º 4—1.º Concurso mensal

(Continuação da pág. 15)

COM 8 PONTOS:

(38) S. T. Marranhekos (Lisboa).

COM 7 PONTOS:

(59) A. M. S. (Monte Estoril).
(23) Jomos (Lisboa).

COM 6 PONTOS:

(23) Alexis Nemo (Entroncamento).
(9) Detective Açoreano (Lisboa).
(47) Inspector Manardo (Setúbal).

COM 5 PONTOS:

(33) Alfredo Rodrigues (Algés).
(47) Agente Z-4 (Lisboa).
(21) Pouca Sorte (Lisboa).

COM 4 PONTOS:

(42) José Valdo Sequeira (Lisboa).

COM 3 PONTOS:

(34) Esoj Rapsag (Covilhã).

COM 1 PONTO:

() Rocamble (Covilhã).

NOTA — Os algarismos entre parêntesis significam o número geral de pontos conseguidos. Por lapso R. P. (de Lisboa) e Condor (de Viana do Castelo), não tinham sido incluídos na Classificação Geral do Problema n.º 3. As nossas desculpas.

A declaração de Roosevelt-Churchill-Staline

(Continuação da pág. 8)

das quatro grandes potências e, mais tarde, da França e seis representantes de outras nações, eleitos pela Assembleia Geral para o período de dois anos;

3.º — Não se estabeleceu qualquer medida relativamente à atitude a tomar-se em caso de agressão por parte de qualquer dos países cujos representantes são vogais permanentes do Conselho;

4.º — Na Assembleia Geral cada nação terá um voto e as decisões serão tomadas pela maioria de dois terços dos presentes;

5.º — O acordo propõe a criação de um Estado-Maior Militar Consultivo que será chamado a dar a sua opinião quando for necessário o emprego da força para repeller o agressor e terá a seu cargo dirigir o sistema da produção de armas de guerra;

6.º — A Assembleia Geral terá apenas funções consultivas limitando-se a fazer recomendações;

7.º — O acordo não estipula a forma dos governos darem instruções aos seus delegados para a votação, devendo o assunto ser resolvido numa reunião dos Chefes de Estado;

8.º — O acordo não indica os efectivos que as nações deverão pôr à disposição do organismo, ficando esse assunto para ser tratado depois da reunião dos Chefes de Estado;

9.º — Embora o ponto não esteja claramente definido, julga-se que os representantes das nações que têm delegados permanentes no Conselho ficam com o direito de veto em caso da proposta duma acção militar.

O comunicado da Conferência da Crimeia retoma expressamente estes pontos e diz que os governos da China e da França serão imediatamente consultados e convidados a dar o seu apoio aos convites para a conferência, juntamente com os governos dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da Rússia e que, logo que estiverem concluídas essas consultas, será tornado público o texto das propostas sobre a forma de votação. Isto é: assenta-se desde já que as cinco potências mencionadas terão o papel de principais dirigentes da futura organização internacional, com prejuizo manifesto da assembleia, que terá função simplesmente consultiva. A função executiva e deliberativa caberá ao conselho. Este traço será, desde já, uma das principais razões de diferenciação entre a Liga de Genebra (S. D. N.) e a futura organização mundial.

A CARTA DO ATLANTICO

Visto que o comunicado da Conferência da Crimeia alude expressamente à Carta do Atlântico, assinada no alto mar, por Churchill e Roosevelt, a 14 de Agosto de 1941, a recordação dos seus termos contribuirá para que o leitor melhor acompanhe os acontecimentos e dêles forme um juízo mais ordenado:

1.º — Os nossos países (Grã-Bretanha e Estados Unidos) não procuram qualquer ganho territorial ou de qualquer outra natureza.

2.º — Não procuram qualquer modificação territorial que não estiver de acordo com os votos livremente expressos dos povos visados.

3.º — Respeitam o direito de todos os povos escolher a forma de governo sob que desejam viver; e desejam que os direitos soberanos e a autonomia de governo sejam restituídos a todas as nações que dêles tenham sido privadas.

4.º — Esforçar-se-ão, permanecendo fiéis aos seus compromissos internacionais, por proporcionar a todos os Estados, grandes e pequenos, vencedores e vencidos, as mesmas facilidades de acesso às matérias primas mundiais necessárias ao bem-estar dos povos.

5.º — O seu esforço visará a promover a colaboração completa, de todas as nações no domínio económico, a fim de criar melhores condições de trabalho, o desenvolvimento económico e a segurança social.

6.º — Esperam, após o aniquilamento final da tirania nacional-socialista, concluir uma paz em cujo quadro todas as nações terão possibilidade de viver em segurança nas suas fronteiras, com a garantia de que todos os homens de todos os países poderão passar o resto da vida ao abrigo da miséria e do medo.

7.º — Um tal paz deve permitir a todos que percorram os mares sem obstáculo.

8.º — Pensam que todos os povos do mundo devem renunciar ao emprego da força, pois nenhuma paz futura poderia ser garantida se as nações ameaçassem, pelos armamentos navais, terrestres ou aéreos, lançar-se além das suas fronteiras. Crêem que o desarmamento dêstes países é essencial por tanto tempo quanto se não tiver estabelecido um sistema de segurança geral largamente concebido e durável. Sustentá-lo e encorajá-lo todas as outras medidas práticas que possam aliviar o esmagador fardo de armamentos que os povos pacíficos têm de suportar.

Até que ponto permanecem de pé estes princípios? Até que ponto são eles harmonizáveis com a realidade? Com esta declaração, diz o comunicado da Conferência da Crimeia, reafirmamos a nossa fé nos princípios da Carta do Atlântico, o nosso compromisso da declaração das Nações Unidas e a nossa decisão de edificarmos, em cooperação com as outras nações, amantes da paz, uma ordem mundial, sob o domínio da lei, dedicada à paz, segurança, liberdade e bem-estar geral de toda a humanidade.

TORNADA FINAL

Antes das assinaturas dos três representantes da Grã-Bretanha, Estados Unidos e Rússia, aquêles pensamento geral aparece reafirmado: «...a decisão comum de manter e fortalecer a paz futura, a unidade de objectivos e acção...; uma obrigação sagrada dos nossos governos para com os nossos povos e os povos de todo o mundo...; continua e crescente cooperação e compreensão entre os nossos e todos os países amantes da paz...; a mais alta aspiração da Humanidade — paz firme e duradoura, que, nos termos da Carta do Atlântico, garantirá que todos os homens...; oportunidade para criar, nos anos vindouros, as condições essenciais para tal paz».

Não será fácil descobrir grande originalidade no tom, diga-se, um tanto retórico, pelo menos bastante doutrinar, destas afirmações. S. Tomás de Aquino, quasi há sete séculos, por outras palavras, não dizia coisa muito diferente. Nem o abade de Saint Pierre, nem o nosso quasi ignorado Silvestre Pinheiro Ferreira, nem o pacto da Santa Aliança, nem os legisladores de 1919, nem a oratória teimosa de Lord Cecil, não importa. Sem teoria não há acção. Que esses princípios sejam enunciados e subscritos por quem está seguro de deter em sua mão o futuro mais próximo da Humanidade — já é de registar. Seja como for, é fora de dúvida que a história do esforço, tão velho como a vida, de procurar em homens uma base para se entenderem regista uma fase que, qualquer que seja o futuro, ficará com lugar para estudo e meditação. Daqui a vinte anos cada um se sentirá com coragem para arriscar a sua opinião...

J. R. S.

Cacilda Figueira

AV. ORIENTAL, 20, 3.º, Esq.
(Junto das Avenidas: Fontes
Pareia de Meio e António
Augusto de Aguiar)
Tem elevador Telef. 40909

CHAPÉUS * ALTA COSTURA

O VELHO PORTO

Nepodt

Quem o prova
aprova

OS NOSSOS MODÉLOS



Dois vestidos de lã práticos, elegantes e próprios para as estações do frio.

O QUE VAMOS USAR

O preto continua a receber os favores da moda. Mas num país de luz cintilante, o branco não poderá deixar de entrar em grande profusão, nas combinações de cores.

Os estampados largos, para toilettes de noite, os tuíes bordados a lantejoilas e pérolas, tudo isso será o grande desfile das paradas elegantes.

Para de noite, mantêm-se os ombros largos, muito largos — se o tecido for em «organdi» de seda ou de outro tecido armável. Mas, de um modo geral, a silhueta feminina adelgaça-se, perde aquela nota hercúlea de competidora com a força do homem.

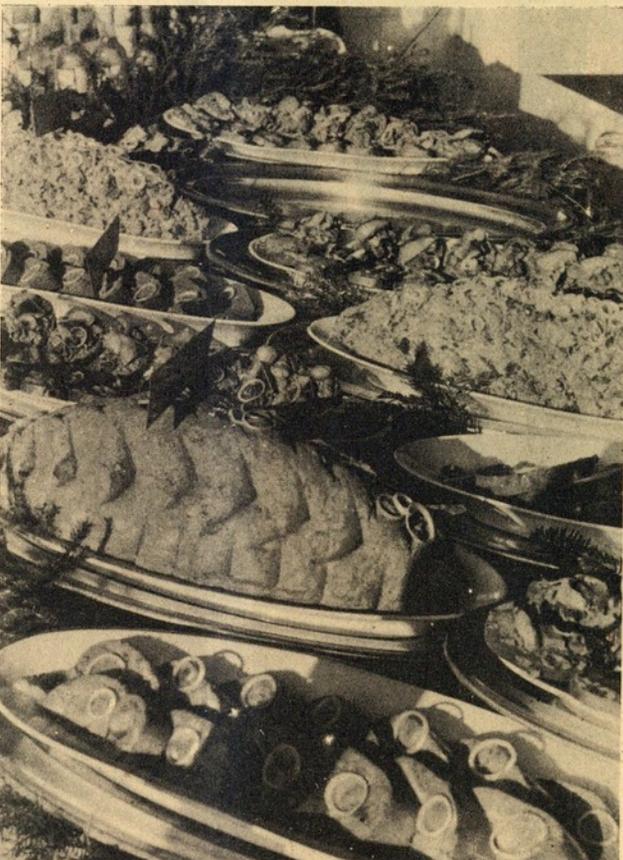
E por isso mesmo, os «tailleurs» desbrutalizam-se: são mais curtos, mais cingidos, sem ser muito cingidos, e a fita «ciré» volta a debruçar as bandas dos casacos. Às vezes, o requinte, vai ao ponto de substituir a fita «ciré» por veludo cristal, liso ou estampado, ou, até, ao galão de vidrilhos.

Mais do que nunca, a luva é complemento de «toilette». E, por isso, para melhor harmonia de conjunto, vamos usar luvas com a face superior, no tecido do vestido «simprimé» ou de xadrez — padrões que vamos ver em profusão na próxima Primavera!

ção durará um quarto de hora — e, findo esse tempo, os poros estarão abertos e a pele fina. Depois, vem a massagem: espalha-se um bom creme que o rosto quente absorve. Nova camada de creme e cornea, então, a massagem subtil, delicada, para não distender demasiado a pele. Este treatment deve ser feito todas as noites, à hora de deitar.

CONTRA AS RUGAS

Nem todos os rostos podem ser tratados pelo mesmo processo, quando as rugas surgem na sua visita infalível, para nos estragar a juventude e entristecer a vida. Vejamos, pois: para a pele fina e delicada, a maçagem é indicada e deve ser feita com a ponta dos dedos. É preciso abrir os poros, de maneira que absorvam a gordura. Quando a pele encarquiha, há ainda outro processo de abrir os poros: o banho quente ao rosto. Eis esse banho: numa pequena vasilha deita-se água quente e uma colher de bórax. Com uma esponja ou um pano quente, fazem-se compressas e aplica-se a água que deve ser sempre um pouco mais quente. A opera-



Para a mesa de todos os dias ou num jantar mais requintado, o bom gosto no arranjo das travessas é sempre um elemento de «bom paladar».

PAGINA FEMININA

CARTA A UMA AMIGA

A loucura das peles... a orgia do luxo!

Por favor! Você é uma rapariga anémica. Vê-se logo, olhando para a sua cara sem «bótons» e sem «rouges». Come sem luz e sem janela, sobre um «divan», dorme num quarto ossos num feixe, por baixo desse vestidinho que lhe põe o nado é de quatrocentos escudos — que sabemos nós! O seu ordenado de fazer — e dá alguma coisa para a casa, já se vê, porque os seus pais são pessoas modestas para a casa, já se vê, cima, tem de andar a pé uns quatro a cinco quilómetros por dia, de casa para o emprego e do emprego para casa, incluindo a andança, para o almoço, e do emprego para casa, na leitaria mais próxima... Vê como é a sua vida «apertada», mesquinha, de pessoa modesta? Ora pense, então, bem naquilo que lhe perguntamos: para que há-de andar agarrada às prestações do casaco de peles e das meias de cem escudos? Você não ganha para isso. Esse casaco monstro, pindérico, carregante, com que você «aparenta» o que não é sobrepedante, é «snobs», é impróprio do orçamento do estômago. E Acabe com essa loucura das peles. Vista um casaco confortável, em fazenda. Mas deize as peles que se vê mesmo que estão a encobrir miséria. E o que havia de gastar em prestações — gaste-o com o estômago, alimente-se como deve, torne confortável a sua casa, seja sóbria, prática — e sensata!

PRIMA JOANINHA

Com licença... faça favor...

SEJA DELICADA!

NEM sempre o mal de que culpamos os outros deixa de ter em nós a primeira justificação.

Assim, por exemplo, a mulher muitas vezes acusa o homem de hoje de ser menos cavalheiro, de ter menos atenções pela sua companheira no mundo. De facto, o homem, com o advento das prerogativas femininas, talvez um bocadinho despertado porque a mulher — o sexo fraco — mostra ser tão apta para o trabalho como ele, em qualquer campo que os situemos em competição, deixou de ser aquêle ente amável e cavalheiresco que desapareceu com o princípio do século. E de certo que isto é um erro da sua parte.

Portanto, que deve ela fazer diante daquele que mete ombro, atropela a mulher, consegue ocupar todos os lugares no eléctrico, enquanto ela vai de pé, doente quanta vez, cansada de estar um dia inteiro a trabalhar para ganhar metade do ordenado dele — e que reverte, tanta vez, a favor do próprio homem?

Erradamente, responde à ofensiva. Mete o ombro, faz-se grosseira como ele. Ou, ainda, mais e pior: a sua falta de delicadeza vai ao ponto de não corresponder à delicadeza dos homens. O «com licença»... o «faça favor»... o «muito obrigado» — o sorriso, a sua melhor arma! — deixou de ser privança da sua vida em público. E, assim, não faltam homens que dizem:

— O quê?! Oferecer o meu lugar a uma «senhora»? Não faltava mais nada. Ao princípio, eu oferecia-lho. Mas, agora, que elas deixaram de agradecer e olham para nós como se fôssemos nossa obrigação ser amável, sem um sorriso ou um obrigado, é o dás o lugar!

Esta opinião, que ainda há pouco ouvimos a pessoa que se preza de saber tratar com as senhoras do seu conhecimento, revela bem até que ponto a mulher que vai na rua, a que é anónima para cada um dos homens, é desprezada e desatendida: nem solidariedade, nem humanidade, nem camaradagem. Como esperar, então, cavalheirismo?

Só insinuando, sendo gentil, respondendo com um sorriso a uma deslealdade...

A RECEITA DA SEMANA

AMELHOAS À INGLESA

LIMPAM-SE as amêijoas, lavam-se em bastantes águas, colocam-se numa caçarola com um pouco de manteiga e vão ao lume. Quando estiverem abertas, retira-se o marisco da concha, e aproveita-se a água que se cõa por um pano fino. Então, nas amêijoas, deita-se outra porção de manteiga — a que puder ser... — sal, pimenta e salisá pãria. Adiciona-se um pouco de água de cozer as amêijoas ou, até, se possível, um pouco de caldo bem temperado, deixa-se ferver por um pedaço e em seguida deita-se-lhe um ovo bem batido, juntando-lhe o sumo de um limão. E, assim quentinho — o ovo vai ao lume por um instante — se serve este delicioso prato.



UMA LINDA BLUSA

Para o seu «tailleur», para usar nos dias lindos que se aproximam, aqui está um gracioso modelo de blusa, executado em «tingeris» e guarnecido de «fêntas» e um bordado delicado.



VINHO
do
PÔRTO

Um curandeiro aceite pelos tribunais

CHAMA-SE Jean Bézlat, é proprietário em Avinhão, e aprendeu na escola pouco mais que as primeiras letras. No entanto, tornou-se um dos homens mais notáveis da França.

Curioso da botânica, desde muito novo que se dedicou ao estudo de certos vegetais, descobrindo em alguns determinado poder curativo. Essas experiências elementares entusiasmaram-no. Tornou-se um mânico. Entretanto, ia realizando curas entre os camponeses, seus vizinhos. A gente rústica passa palavra facilmente de herdade para herdade. E começaram a afluir a casa de Bézlat pessoas de terras distantes.

Mas o que lhe deu o primeiro encontro para a celebridade foi a repressão contra ele tentada pelos médicos do departamento, que o acusaram do exercício ilegal da medicina, e por isso o fizeram sentar-se no banco dos réus no tribunal de Villefranche. O caso despertou enorme curiosidade e encheu-o de prestígio: Bézlat fôra absolvido!

E, daí em diante, tornou-se um «curandeiro legal», e, mais do que isso, um curandeiro elegante, procurado pela melhor sociedade. Recebia milhares de cartas, das pessoas mais diferentes, e, entre elas, foi encontrada uma, de uma alta personalidade, que lhe pedia, nem mais nem menos, que lhe ressuscitasse um filho!

Em volta do seu nome criou-se como que uma idolatria popular, da qual participavam também muitas pessoas das camadas superiores da sociedade. Bézlat era um ídolo, que fazia curas milagrosas!

Então, em pleno triunfo e em plena fortuna, entendeu que devia dedicar-se ao espiritismo. Daí em diante, o curandeiro «mercantilizou-se», enveredou abertamente no charlatanismo, mas não deixou de ser uma pessoa importante e muito procurada.

Como são possíveis coisas destas no nosso tempo? ...



UMA FOTOGRAFIA HISTÓRICA

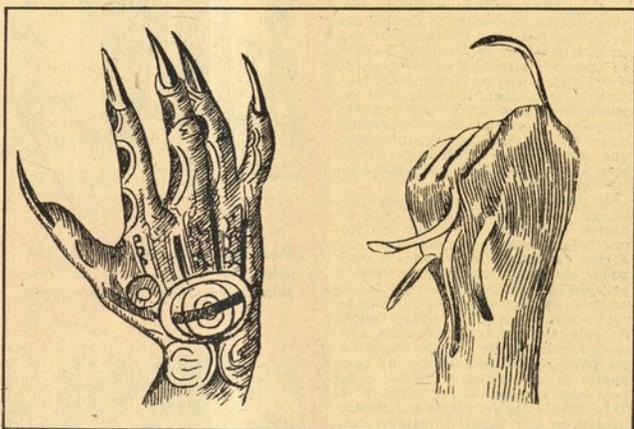
VISTA assim de repente, esta foto parece-nos vulgar, sem interesse. Nada mais do que simples chapéus...

Sim. Nada mais do que simples chapéus. Agora, se souberem a que cabeças eles pertenceram, talvez já não digam o mesmo. E, sobretudo, se, além das cabeças, souberem ainda em que momento dramático da nossa história estes chapéus foram colocados no vestário, então poderão dar o verdadeiro valor à fotografia, a qual é, indiscutivelmente, um documento histórico.

Pois bem: a foto foi tirada em Munique, durante aquele célebre encontro em que a paz foi adiada por mais um tempo — não muito grande, como se viu depois.

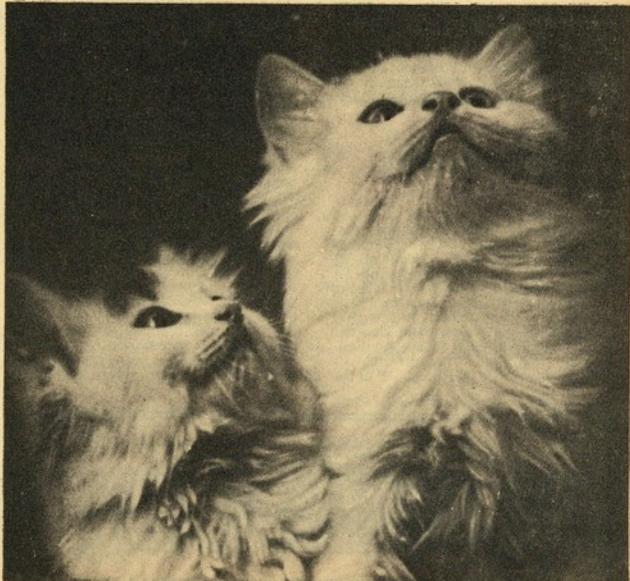
Antes de entrarem na sala, os chefes da Europa depositaram os seus chapéus. Os chapéus dos dois ditadores Hitler e Mussolini estão misturados com os chapéus moles dos chefes da democracia. Dois dos presentes à conferência deixaram, também, no vestário, as suas armas: Goering, a espada; e Chamberlain, o guarda-chuva.

As unhas entre os povos orientais



CLARO, cada um come daquilo que mais gosta e faz o que muito bem lhe apetece. Mas não pode deixar de ser curioso — ao olharmos, hoje, as unhas longas e vermelhas das senhores elegantes, lembrar as unhas entre os povos orientais. Os chineses, os siameses e outros povos orientais têm as suas valdades nas cabeleiras e nas unhas. Aqui estão três reproduções desse luxo: 1) mão de um aristocrata siamês; 2) mão tatuada de um habitante das ilhas Marquesas;

COSTUMAM chamar-lhes franceses, mas são turcos, indígenas da Ásia-Menor. Não trazem o «fex» mussulmano mas não desgostam do velho hábito nacional do harém... Isto, é claro, quando chegarem à idade de gatos feitos — por agora são apenas dois lindíssimos bichanos que deixaram há pouco o «biberon».



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

por Carlos Ferrão

Capítulo XXVI — Países ocupados — Bélgica

COMO reacção contra a depressão económica, ou deficiências alimentares, a deportação de operários e trabalhadores, a intervenção crescente na vida administrativa do país, a nomeação de elementos da quinta coluna para os altos postos do Estado e as perseguições por motivos religiosos e raciais, o movimento de resistência nacional na Bélgica tomou rapidamente grande vulto. A publicação de uma imprensa clandestina numerosa e largamente divulgada e o crescendo de sabotagem nas indústrias de guerra que trabalhavam para a máquina alemã foram as primeiras e as mais ousadas manifestações desse movimento em que se integraram belgas de todas as tendências e de todas as convicções.

Em fins de 1942 registou-se no país uma autêntica vaga de atentados e de actos de sabotagem. A reacção das autoridades de ocupação e especialmente das suas forças policiais e de repressão aumentou também. A «Gestapo» teve de desenvolver uma actividade extraordinária mas os resultados que colheu nem sempre foram inteiramente satisfatórios. Um dos seus chefes dizia por essa altura: «Os belgas não nos deixam descansar e a nossa tarefa começa a tornar-se exaustiva». A partir de certo momento, de suas investigações começaram a ser anuladas pela organização do movimento de resistência que, entretanto, se estende a todo o país.

Em Bruxelas registaram-se contra as instalações dos carros, vários ataques o mais importante dos quais se registou em 8 de dezembro. O atentado de protestar contra a deportação recente dum certo número de operários da Companhia de Tramways de Bruxelas e foram lançados contra a sua sede vários explosivos. Os membros do partido Rexista e os comerciantes que faziam avultadas fortunas, negociando no mercado negro ou fazendo largas transacções com as tropas de ocupação, foram alvo de atentados que começaram a multiplicar-se. Em fins de 1942 registava-se já uma média diária de três a seis ataques. A repressão começou a revelar-se insuficiente e verificava-se, com frequência, que os autores dos atentados podiam escapar-se à acção policial. No dia 1 de dezembro quando a polícia efectuava a prisão de um grupo de indivíduos que transportavam explosivos nas ruas de Bruxelas, alguns deles escaparam-se e atingiram os captores com tiros de pistola.

A ATITUDE DO CLERO

A atitude do Clero belga em relação à ocupação foi, desde o primeiro momento, clara e firme. Logo em 27 de outubro de 1940, o arcebispo de Malines fez ler, em todas as igrejas da Bélgica, uma carta pastoral em que dava aos fiéis directivos previstos quanto ao procedimento que eles deviam adoptar em relação aos ocupantes. «Ninguém pode impedir-nos, dizia o arcebispo de Malines, de amar

a pátria e de unir, em alma e consciência, os vossos destinos aos destinos da pátria. É certo que devem reconhecer as autoridades de ocupação, nos limites da lei internacional. Mas a Bélgica continua a existir como nação, e todos os seus filhos lhe devem auxilio e fidelidade».

Os sacerdotes foram proibidos de ministrar os sacramentos aos indivíduos que, nas cerimónias religiosas, envergassem uniformes nazis. Assim os filiados dos dois grupos de colaboracionistas, os flamengos V. N. U. e os rexistas valões apareceram, desde o início, directamente visados pela hierarquia católica. Das igrejas foram expressamente banidos todos os emblemas fronteiros e símbolos de partido. Só a bandeira da Bélgica era autorizada nos templos. E em todos os momentos difíceis o Cardeal ergueu a sua voz contra a acção das autoridades alemãs. Os seus protestos tornaram-se particularmente violentos nos casos de deportação e execução de reféns.

As autoridades de ocupação publicaram na Bélgica uma legislação copiosa que abrangia todos os departamentos da vida nacional. Em fins de 1942 tinham já sido publicados cerca de quinhentos decretos. Entre estes figuravam alguns que provocaram consequências profundas na vida do país: o sequestro dos bens dos belgas que se encontravam no estrangeiro; a dissolução dos conselhos municipais; a requisição de trabalhadores e a sua deportação; a criação de um corpo de polícia especial contra os actos de sabotagem; a legislação anti-judaica; o encerramento de estabelecimentos de instrução, nomeadamente da Universidade de Bruxelas; a confiscação de bens de todos os indivíduos que tentassem refugiar-se no estrangeiro e das respectivas famílias; o trabalho dominical obrigatório para os mineiros; a organização de todos os ramos da indústria e do comércio belgas. Esta legislação lá, durante um período relativamente longo, reger a vida da Bélgica e do seu povo.

A RESISTÊNCIA E A SUA ORGANIZAÇÃO

Com excepção de alguns elementos duvidosos, que já antes da ocupação tinham afirmado claramente as suas tendências, nenhum belga se filiou nos movimentos que advogavam a colaboração estreita com as autoridades de ocupação. Esses agrupamentos eram o partido extremista flamengo U. N. V. e o partido rexista valão.

Os operários belgas, dado o regime que lhes foi criado e que a desde o trabalho obrigatório à deportação, foram dos primeiros a colaborar activamente na resistência. Os belgas das outras classes, embora de começo manifestassem uma certa indiferença e mesmo uma apatia relativa, modificaram rapidamente a sua atitude inicial. Os propagandistas da Ordem Nova começaram a ver rarear

cada vez mais o número dos que os escutavam. A hostilidade clara ou o desdém tornaram-se as manifestações reveladoras do estado de espírito da população. Nos seus jornais e nas suas emissoras, as autoridades de ocupação queixaram-se, com frequência, da abstenção total dos intelectuais flamengos e valões perante as doutrinas e os conceitos dos chefes de fila do pensamento nacional socialista. Efectivamente os intelectuais belgas, escritores, jornalistas, autores teatrais e artistas, deixaram de produzir durante o período da ocupação. Sabe-se que muitos deles têm em preparação obras de certo vulto cujo aparecimento se fará quando as condições de vida do país estiverem normalizadas.

Uma nação ocupada, como a Bélgica, cuja população alimenta sentimentos de profundo e sadio patriotismo, vive durante a ocupação uma vida intensa e apaixonante, própria a suscitar o aparecimento de criações literárias e artísticas. Embora nas cidades se registre uma ordem monótona e pesada, fora delas, e mesmo nos seus bairros mais afastados, vive-se uma existência de aventuras, palpitante e misteriosa. Essa existência quando e como no caso belga, é incessantemente animada pelo exemplo dos mentores espirituais ou dos dirigentes políticos do país, constitui um motivo de alto interesse e uma fonte de ensinamentos. Durante esta guerra, a atitude do Cardinal van Roey, arcebispo de Malines, e do sr. van Meulebroeck, burgomestre de Bruxelas repetiram os gestos imortais dos seus antecessores durante a guerra de 1914-18 e constituíram para todos os belgas exemplos de coragem e abnegação bem próprios a animar a sua confiança. Essa atitude representava, para todos os belgas, qualquer que fosse a sua condição social, uma linha de demarcação que nenhum deles ultrapassou. Pode dizer-se mesmo que foi a demissão do burgomestre de Bruxelas que marcou uma viragem decisiva na organização da resistência nacional.

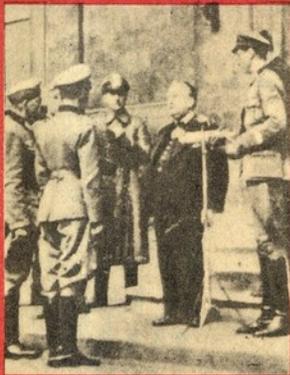
A BÉLGICA NA GUERRA

A invasão do território belga na Europa e a sua ocupação prolongada não privaram o governo legal de utilizar na luta comum contra o Reich, poderosos meios de acção. O Congo belga tornou-se durante algum tempo um factor decisivo para a condução da guerra por parte das Nações Unidas. Pela segunda vez, num quarto de século, o Congo deu à mãe-pátria uma colaboração material e moral de incalculável valor e, ao mesmo tempo, prestou à causa dos Aliados um serviço inestimável. Esta colónia distante contribuiu decisivamente para a libertação da Metrópole e revelou uma consciência clara do seu destino, reconhecendo que sem a sobrevivência da metrópole a sua própria sobrevivência seria impossível.

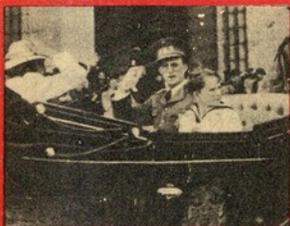
A contribuição efectiva dada pelo Congo nesta guerra foi de duas espécies: económica e militar. As forças belgas que se encontravam em África, devidamente armadas e equipadas, asseguraram durante todo o período da ocupação a defesa da colónia. Os seus efectivos iniciais foram aumentados e a sua intervenção durante a exaustiva campanha africana revelou-se de grande importância para o comando Aliado, na campanha da Abissínia, primeiro, e depois nas campanhas da Líbia e da Tripolitânia, as forças belgas desempenharam um papel de relevo, contribuindo para a libertação da plataforma do norte de África de onde partiu, na sua primeira fase, a invasão do continente europeu. O exército belga de África tomou, assim, uma parte activa em combates que, por vezes, se desenrolaram a mais de três mil quilómetros das suas bases. Na campanha da Abissínia o efeito de surpresa provocado pelo aparecimento de forças belgas foi um dos elementos que contribuíram, em larga medida, para apressar a derrota do exército italiano do comando do duque de Aosta. Esse efeito de surpresa foi conseguido graças ao espírito de sacrifício das tropas belgas que cobriram, com uma rapidez incrível, as distâncias enormes que as separavam do inimigo.



A igreja, ao lado da liberdade da pátria belga, manifestou-se sempre pela boca do cardinal van Roey.



Meulebroeck, burgomestre de Bruxelas, foi um exemplo de coragem belga e da sua abnegação.

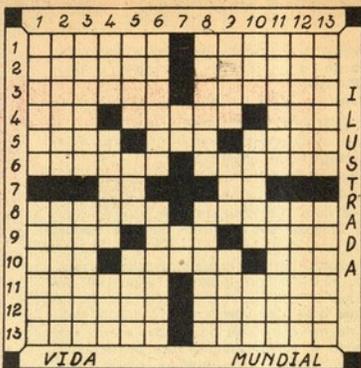


Ainda antes da ocupação, o rei dos belgas, viuvo da rainha Astrid, pôs na sua carruagem com o pequeno príncipe herdeiro, entre atos de povo que o adora.



(Continua)

Palavras Cruzadas



num exame. 7 — Artigo, usa-se na expressão el-rei; sim. 8 — Fazer tremor; trejeito do rosto. 9 — De preço elevado; reflexão do som; do feito de ovo. 10 — Foleira; bico metálico que se adapta a uma caneta; cólera. 11 — Jovial; enlutar. 12 — Estar unido; subjugada. 13 — Que tem muitos ramos; ave semelhante ao papagalho (plural).

VERTICAIS: 1 — Capuz de frades; dispor em camadas. 2 — Averiguar; antigo canto acompanhado de música. 3 — Fêmea do macaco; vento brando. 4 — Altar dos sacrifícios; adoleiro; pequeno arco. 5 — Que não abunda; fôlha de palma em que se escrevia; erva-doce. 6 — Lavrador; acto de reparar. 7 — Pôr-se em movimento dum lado para outro; aqui. 8 — Respeitar; envergadura. 9 — Bosque; membro com que as aves e outros animais voam; aroma. 10 — Espaço de doze meses; que não se altera com o fogo; alguma. 11 — Narração; impedir. 12 — Pões termo a; desequilibrada de espírito. 13 — Curara; igras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6

HORIZONTAIS: I — Mala; ata. II — Azar; lar. III — Dá; pó. IV — Lela; lam. V — Ala; tara. VI — Romão.

VERTICAIS: 1 — Má. 2 — Azular. 3 — Lá; elo. 4 — Ar; iam. 5 — Aã. 6 — To. 7 — Ai; ia. 8 — Tapar. 9 — Aroma.

Damas

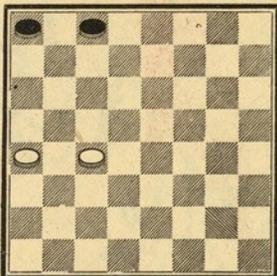
(Secção espanhola)

Orientador: **Dr. Carlos R. Lafora**
(Espanha)

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»
COMPOSIÇÃO N.º 41 (Final artístico)

«La Provincia», 15/2/1945
(Las Palmas — Espanha)
Lema: «Pirilampo»

Pretas: 2 «pedras».



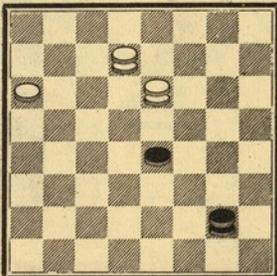
Branças: 2 «pedras».

Jogam as brancas e ganham.

COMPOSIÇÃO N.º 42 (Final artístico)

«La Provincia», 15/2/1945
(Las Palmas — Espanha)
Lema: «Damófilo V»

Pretas: 1 «dama» e 1 «pedra».



Branças: 2 «damas» e 1 «pedra».

Jogam as brancas e ganham.

(Secção portuguesa)

1.º CONCURSO DE PROBLEMAS E FINAIS DE JOGO

Num bem elaborado relatório, de-nos Francisco A. Henriques, de Almeirim, a lista dos apurados em 1.º, 2.º, 3.º e 4.º lugares, na parte do Concurso respeitante a problemas.

CLASSIFICAÇÃO (Problemas)

1.º prémio — Problema n.º 50, de «Lusfada», (Chamusca).
2.º prémio — Problema n.º 41, de «Lusfada», (Chamusca).
3.º prémio — Problema n.º 62, de Adamastor Manuel Pereira da Costa (Pôrto).

4.º prémio — Problema n.º 3, de Adamastor Manuel Pereira da Costa (Pôrto).

Aos vencedores couberam os seguintes prémios:

1.º — Uma assinatura de «Vida Mundial Ilustrada», por 6 meses.
2.º — Dois livros: «295 dias», de Acúrcio Pereira e «Dize tu, direi eu», do dr. Luís de Oliveira Guimarães.
3.º — Uma assinatura de «Vida Mundial Ilustrada», por 3 meses.
4.º — Um livro: «Fugiu uma espiã», de Charles Berry.

As assinaturas terão início em 1 de Março p. f. Os livros serão enviados aos premiados, que daqui felicitamos pela vitória alcançada.

O relatório honra o seu autor pela maneira inteligente, séria e brilhante como está elaborado. A Francisco Henriques, colaborador e amigo, os nossos parabéns.

Guardemos agora o relatório sobre os «Finais».

CAMPEONATO POR CORRESPONDÊNCIA DE 1945

Na presença dos distintos «damistas» Orlando Augusto Lopes, da Chamusca, e Carlos Pereira, de Lisboa, procedeu-se ao sorteio deste campeonato, cujas séries começaram hoje a publicar:

A) — Manuel Félix Igrejas (Melgaço), Rogélio J. Nobre Girão (Pernes), José Polónia Figueiredo (Ovar) e Diego Alvarez (Lisboa).
B) — Manuel dos Santos Nobre (Pernes), Henrique Aboim Frazão (Beja), Humberto Duarte Silva (Algarve) e Rufino Strecht de Miranda (Famalicão).

C) — Francisco Nunes de Sousa (Pernes), Manuel Arrenga Padeiro (Chamusca), Hilário Francisco Lança Elias (Beja) e António José Loureiro (Póvoas de Varzim).

As outras séries continuam-se publicando nos próximos números.

Xadrez

MANUEL DE AGUSTIN (Madrid)



Manuel de Agustin, que foi finalista do Campeonato de Espanha, campeão de vários clubes de primeira categoria, é, actualmente, «recordman» espanhol de partidas de xadrez às cegas, em cuja especialidade tem conseguido jogar com 22 tabuleiros de uma só vez.

Autor dos livros: «Ajedrez Temperamental» (5 tomos), «Planografía Ajedrecística» e «Torneo de Mar-

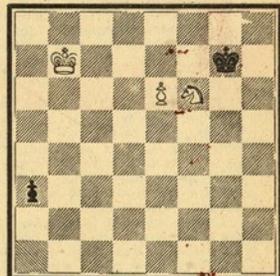
gate», que acaba de publicar-se com êxito de venda e crítica.

Actualmente é cronista de xadrez nos diários «Arriba», «Marca», e nos semanários «Juventud» e «Mayo».

Ao nosso amigo daqui endereçamos parabéns pelo sucesso alcançado pelo seu último livro, do qual teve a amabilidade de nos remeter dois exemplares, o que agradecemos.

ESTUDO N.º 13

Por O. M. Olsen



Jogam as brancas e ganham.

Charadas

EPENTÉTICAS

1) Preferir o bem ao mal. é uma idéia que todos deviamos acarinhar. — 2-3.

2) Merece castigo quem tentar desfazer a nossa unido. — 2-3.

3) Pouco rendoso é o negócio que causa dano. — 2-3.

APOCOPADAS

4) O envergonhado com pouco se embaraça. — 3-2.

5) Exaltar tudo o que seja justo, é um dever soberano. — 3-2.

6) Vociferar sem razão, é um trabalho inútil. — 3-2.

CORRESPONDÊNCIA

José da Silva Campos (Guarda) — A solução do problema n.º 6 está certa. Agradeço que me envie sua morada particular.

Eurico Fragoso Alves (Coimbra) — O mesmo que para J. Silva Campos.

Vasco Rodrigues Pinhel da Encarnação (Coimbra) — Idem.

Gregório Nunes (Lisboa) — Idem.

João Manuel Marques Carolino (Nelas) — A «carta aberta» já lhe foi enviada.

José de Sousa Gaspar (Covilhã) — Esqueceu-se de me remeter a morada. As condições do Concurso vieram publicadas no n.º 182 de «Vida Mundial Ilustrada».

Jorge de Sousa Costa Belo Correia (Viseu) — Recebi o seu problema, que agradeço.

José Rodrigues Correia (Viseu) — A solução estava certa. Mais uma vez muito obrigado.

Manuel Lopes dos Santos (Tórres Novas) — Tomei nota da sua inscrição. Agradeço as suas palavras.

Manuel Félix Igrejas (Melgaço) — Brevemente é publicado um problema seu.

Daniel Coelho Camacho (Café «A Pernambucana» — Odemira) — Já lhe escrevi. Mande sempre.

APP

PRODUTOS DE BELEZA

Rainha da Hungria

O ENCANTO NATURAL DA MULHER QUE QUERE CONSERVAR A SUA BELEZA

ITCAMPOS

AGUARDENTE VELHA

Niepoort

DIRIGIDO POR **AGUSTO TEIXEIRA MARQUES**

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

BISSON, o fantasma

Uma novela louca de Lucienne Mornay

BISSON era um rapaz extraordinário. Era doce, terno, cheio de compaixão pelos sofrimentos dos outros, e estava sempre pronto a prestar serviços fosse a quem fosse. Cedia sempre o seu lugar no «metro», não pisava as pessoas, e era atencioso.

Era contabilista e poeta. Estas duas profissões parecem irredutíveis, mas, reflectindo um pouco, percebe-se logo que um contabilista não pode limitar aos números a sua actividade. Pois um contabilista que não seja poeta, nem um pouquinho, daria certamente em doido — e, desde que endoidecesse, deixaria de ser contabilista...

Como adorava crianças, passava grande parte do seu tempo livre nos jardins públicos, alvo dos olhares atentos ou desagradados das mães, cujas bocas ciciavam injúrias entre as quais a palavra «indivíduo» aparecia sempre. E isto porque ele tinha a doce, a inocente mania de oferecer às pequenitas bonbons (ele era contabilista numa fábrica de chocolates) em troca dos quais lhes pedia um beijo. As miúdas não viam nisso mal algum; ele também não — mas certas mães tinham por vezes a esse respeito idéias inconcebíveis, e enfureciam-se.

Uma noite, houve fogo no prédio onde morava Bisson. A velha senhora que morava no andar de baixo do seu, onde o fogo começara, pediu por socorro. Precipitou-se através das chamas e arrancou-lhes o corpo da boa senhora, que depositou no passeio da rua, desmaiado como convinha. Mas a sua tarefa não findara: reentrou no prédio, desafiando as rubras línguas de fogo, porque, lá em cima, na janela de uma mansarda, uma voz feminina e ansiosa implorava o auxílio dos homens e a clemência de Deus.

A escada começava a ruir, toda envolta em fogo, e Bisson, sempre prudente, para preservar o físico de quem salvava, embrulhou a rapariga num lençol molhado. Logo que a depôs nas pedras da rua, olhou o rosto dela, e no momento em que caíu desfalecido já sabia que tinha ficado loucamente enamorado.

Depois, não soube mais nada, pois delirou durante três dias, preso de sofrimentos atrozes. Passados esses dias cruéis, Bisson rehouve uma clara consciência de tudo o que fora a sua vida, pois acabava de morrer — e já S. Pedro o acolhia à porta do Paraíso:

— Bisson, tu viveste sob o olhar do Senhor, e com a sua aprovação. Assim, ele autorizou-me a deixar-te escolher o teu lugar no seu paraíso. Queres ficar entre os bemaventurados? Ou queres aumentar a gloriosa falange dos santos? Preferes talvez pertencer ao coro celeste dos Serafins?... Ou misturar-te na turba indecisa dos eleitos vulgares? Tu podes também, segundo quiseres, ser Anjo ou Archanjo; escolhe.

— Senhor S. Pedro, se me dá licença, eu preferia ser fantasma...

S. Pedro franziu a testa — o que provocou imediatamente um ciclone na região das ilhas Aleutas. Depois, respondeu:

— Tu não ignoras, Bisson, que os fantasmas são aqueles mortos que o Senhor decide que cumpram sobre a terra o seu tempo de Purgatório. E eu repito-te que ele, na sua infinita clemência, aceita que entres desde já no seu Paraíso.

— Senhor S. Pedro, apesar de tudo, se me dá licença, eu gostaria mais de ser fantasma — disse Bisson numa doce obstinação.

S. Pedro encolheu os ombros num enfado — e uma tromba de água devastou nesse instante toda uma costa oceânica. Depois, tendo reflectido alguns minutos, disse:

— Quem pode tudo, também pode pouco... E tu poderás regressar ao Paraíso quando estiveres farto de ser fantasma. Sé, pois, fantasma... Mas será um fantasma sem cadeias nem grilhetas, pois essas correntes se destinam a arrastar os pecados de cada um, e tu não tens pecados.

Cinco minutos mais tarde, Bisson estava sobre a terra, no seu bairro. Não é difícil calcular que se ele pedira com tanta insistência para ser fantasma, o fizera com uma idéiazinha bem clara. Essa idéiazinha era rever a rapariga a quem oferecera a vida, no real sentido da expressão. Ignorava o seu nome, e não conhecia o seu endereço. Mas a actividade

detectivesca que pode embaraçar um homem, não passa de uma ninharia para os recursos de um fantasma. Depois de ter atravessado inumeráveis paredes e deitado um golpe de vista para centenas de rostos adormecidos (passava da meia-noite), ele encontrou a sua bem-amada num quarto de hotel, loira e cândida, rósea e perturbadora. Ressonava ligeiramente, porque se tinha constipado no lençol molhado. Mas esse débil ressonar pareceu a Bisson o ruído mais harmonioso que tinha escutado em toda a sua vida, até em toda a sua morte!...

Desceu à «conclergerie» e consultou o grande livro onde estão inscritos os nomes dos hóspedes. Foi assim que ele soube que a sua bem-amada se chamava Sílvia Normand, que era modista, e que tinha 22 anos.

Passou toda essa noite à sua cabeceira, mas logo que o despertador a arrancou ao sono, ele afastou-se púdicamente como um fantasma digno, que se presa — e foi até ao jardim público mais próximo.

Reencontrou Sílvia daí a instantes numa leitaria. Indignado, verificou que o calceiro a roubava em cem gramas do péso da manteiga e no tróço que lhe dava. Então, servindo-se das suas possibilidades de fantasma, retirou da caixa registadora uma nota de cem francos e introduziu-a na bolsa da sua bem-amada.

Lá do alto, S. Pedro, que justamente nesse momento o vigiava, deu um pulo na sua cadeira (o que provocou um tremor de terra nas Antilhas), mas, reflectindo, o bom santo achou o gesto de Bisson justificável, perdoável mesmo...

Três dias mais tarde, Sílvia, encantada, estava instalada num bonito e pequeno «appartement» que há muito desejava, mas que a precedente locatária parecia não querer abandonar. Mas, subitamente, uma manhã, viu-se a digna senhora fazer as suas malas, chamar com pressa os moços-de-fretes, e fugir com espantosa velocidade, jurando nunca mais pôr os pés naquela casa, naquela rua, provavelmente naquele bairro! Tudo isto aconteceu assim porque Bisson lhe fizera uma pequena visita nocturna, fazendo, aos pés do leito da aterrada senhora, toda a sorte de facécias de arripilar que um fantasma consciente das suas possibilidades se pode permitir.

Assim obteve Sílvia o seu «appartement».

E ela estava profundamente feliz; e o seu sorriso era, nessa noite, um dos mais belos sorrisos do mundo!

Sílvia, fatigada, adormecera — e, infelizmente, os fantasmas não têm olfato!... Ela esquecera-se de uma cafeteira de água sobre o seu fogão de gás. O líquido aquecera, fervera, atirara ao ar a tampa num impulso, e escorreu depois pelo metal, apagando a chama que o aquecia. O gás espalhou-se rapidamente pelos pequenos aposentos. Bisson, sem perceber o que se passava, viu a adorada sufocar-se, ouviu-a gemer e verificou, desvalorado pela angústia, que o seu rosto se tornara vermelho, depois violeta, depois negro. E teve somente que estender os seus braços sobrenaturais para nêles recolher a pequenina alma de Sílvia que acabava de fugir do corpo que morrerá sufocado.

Envolveu-a ternamente no amplo pano de lã branca que o vestia a ele, e levou-a consigo para o Paraíso.

— Ah! Eis-te, enfim! — disse-lhe S. Pedro. — O que é esse fardo que levavas aí?...

O santo sabia muito bem o que era, mas preferiu fingir que ignorava.

— Senhor S. Pedro — respondeu Bisson — é a alma daquela que eu amo. Deixai-nos entrar aos dois? Certamente que há-de haver no vosso Paraíso um cantinho para os casais felizes...

— Não quero recusar-te nada. Segue sempre a direito, e, além, um pouco à esquerda do bosque das oliveiras, encontrarás um lindo jardim que o senhor reservou aos casais unidos na morte como na vida. Ninguém vos incomodará: é absolutamente independente... Só lá estão Adão e Eva, que às vezes questionam o seu bocado. Mas vocês perdoem-lhes; já estão tão velhinhos... — e, subitamente, o bom santo interrompeu-se para advertir. — Mas tem atenção, Bisson. É uma escolha grave a que fazes neste momento, pois é para toda a Eternidade. Reflectiste bem?...

Bisson baixou os olhos para a pequenina alma que continuava envolta entre os seus braços e que ainda não tivera tempo de contemplar. Desencantado, deixou-a cair.

Era feia.

— Se me dais licença, senhor S. Pedro — disse ele numa voz triste — parece-me que gostaria mais de ir para junto dos eremitas.



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA
REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãs), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27